

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO EM POÉTICAS  
VISUAIS

CLARISSA AZEVEDO DA SILVEIRA

***RUÍDOS URBANOS: MULHERES NEGRAS – UMA POÉTICA  
RADIOVISUAL***

PORTO ALEGRE

2015

## CIP - Catalogação na Publicação

Azevedo da Silveira, Clarissa

Ruídos Urbanos: Mulheres Negras - Uma poética  
radiovisual / Clarissa Azevedo da Silveira. -- 2015.  
85 f.

Orientadora: Mônica Zielinsky.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-  
RS, 2015.

1. poética contemporânea. 2.  
transdisciplinariedade. 3. zona de diálogo. 4.  
radiovisual. 5. Coletivo Sopapo de Mulheres. I.  
Zielinsky, Mônica, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLARISSA AZEVEDO DA SILVEIRA

***RUÍDOS URBANOS: MULHERES NEGRAS – UMA POÉTICA  
RADIOVISUAL***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Profa. Dra. Mônica Zielinsky

PORTO ALEGRE

2015

CLARISSA AZEVEDO DA SILVEIRA

*RUÍDOS URBANOS: MULHERES NEGRAS – UMA POÉTICA  
RADIOVISUAL*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes  
Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Mônica Zielinsky – DAV/IA/UFRGS

Orientadora

---

Prof. Dr. Eduardo Veras– DAV/IA/UFRGS

Examinador

---

Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo – DAV/IA/UFRGS

Examinador

Ao Coletivo Sopapo de Mulheres

## AGRADECIMENTOS

À UFRGS, pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

À Profa. Mônica Zielinsky, pela disponibilidade, pelo carinho, pela escuta e diálogo. E por aceitar segurar junto a ponta dessa pipa.

Aos professores Carusto Camargo e Eduardo Veras pelas brechas abertas por ventos lancinantes ou marteladas precisas na situação das bancas de avaliação.

Aos professores Blanca Brites e Carusto Camargo e às colegas Luise Brolese, Evelyn Ly e Ana Flor, pela parceria no NIA – Núcleo de Instauração Artística/UFRGS e pela aposta na rua como lugar da arte.

Aos professores Alexandra Eckert, Rodrigo Nuñez, Maria Ivone dos Santos e Bianca Knaak pela generosidade na construção do conhecimento em Artes.

Ao Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, pelas portas abertas. Ao Coletivo Sopapo de Mulheres, pela invenção. Ao Pelota, pelo pedido deste escrito.

Às negras: Fabiana Rossarola, pela cumplicidade ao longo de tantas vidas; Letícia Prudente, por sempre me lembrar do chá e da rede; Luciana Knijnik, pelo refúgio; Cristiane Knijnik, pela aldeia; a Krishna Daudt, pelo experimento Cage; e a Léa Ciquier, pela colaboração em pontos de encontro nas espirais da vida.

Aos amigos Adriano Marcello dos Santos, pela comunicação livre e Leandro Machado, pela sensibilidade.

Às mestras Thais Petzhold e Ana Medeiros pelo corpo aberto, em movimento.

À Isis Silveira e Patrícia Silveira, por todo o apoio. À Denise França, pelo jornalismo.

Ao Felipe Drago, pela Revolução. À Stela e ao Antônio, pelo mergulho no momento-presente.

## RESUMO

A partir da problemática da autoestima das mulheres negras, o Coletivo Sopapo de Mulheres instaurou uma zona de diálogo poético e desenvolveu uma pesquisa dos sons do cotidiano para a criação de uma peça sonora e de uma entrevista coletiva com mulheres negras. Este processo resultou no programa de radiovisual *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*.

O presente escrito traz apontamentos deste processo criativo coletivo, problematizando a poética do diálogo. Abre as camadas da zona de diálogo instaurada e situa esta poética radiovisual na fronteira entre diferentes territórios do conhecimento, tais como arte, comunicação, política, feminismo, africanidades, do ponto de vista prático e teórico. A autora, integrante do Coletivo Sopapo de Mulheres, dialoga textualmente com pensadores, filósofos, comunicadores, artistas, teóricos e críticos de arte, afirmando um território conceitual ampliado. Dessa forma, o escrito *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras – Uma Poética Radiovisual* afirma que, assim como na vida, a transdisciplinariedade é uma característica importante das poéticas contemporâneas.

Palavras-chave: Ruídos Urbanos, Coletivo Sopapo de Mulheres, mulheres negras, radiovisual, peça sonora, zona de diálogo, zona de fronteira, transdisciplinariedade, poética contemporânea.



## ABSTRACT

Taking the question of the self-esteem as a starting point, the Sopapo de Mulheres Collective initiated a zone of poetic dialogue and developed a research on everyday sounds with a view to producing a sound piece and a collective interview with a group of black women. This process resulted in the radiovisual broadcast *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* [Urban Noises: Black Women].

This text comments on this collective creative process, problematizing the poetics of dialogue. It opens the layers of dialogue established by the project and situates this radiovisual poetics, from the point of view of practice as well as that of theory, in the borders of different fields of knowledge, such as art, communication, politics, feminism, africanities. The author, a member of the Sopapo de Mulheres Collective, enters into textual dialogue with thinkers, philosophers, artists, critics and theoreticians of art and communication, constructing an expanded conceptual territory. In this way, '*Ruídos Urbanos: Mulheres Negras – A Radiovisual Poetics*' affirms transdisciplinarity as a key characteristic of contemporary poetics.

Keywords: *Ruídos Urbanos*, Coletivo Sopapo de Mulheres, black women, radiovisual, sound piece, zone of dialogue, borders, transdisciplinarity, contemporary poetics.

## SUMÁRIO

1. Ruídos Urbanos: Mulheres Negras.....pg 11 – 18, 26 – 36, 41 – 46, 53 – 57, 65 – 67, 74 – 81.
2. Mulheres Negras em diálogo.....pg 20
3. Escutar sons.....pg 38
4. Visualizar falas.....pg 48
5. Uma poética radiovisual.....pg 59
6. Diálogos com outra cidade.....pg 69
7. Referências Bibliográficas.....pg 82
8. Bibliografia Complementar.....pg 83

1. *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*

(Rap tocando: Falsa Abolição – Tarja Preta)

Meninas negras não brincam com bonecas pretas! Pretas!

Tô cansada do embranquecimento do Brasil

Preconceito e racismo como nunca se viu

Meninas negras não brincam com bonecas pretas

Foi a Barbie que carreguei até a minha adolescência

Porque não posso andar no estilo da minha raiz

Sempre riem do meu cabelo e do meu nariz

Na novela sou empregada

Da Globo sou escrava

Não me dão oportunidade aqui pra nada

Sou revolucionária negra consciente

Não uso corpo, eu não me mostro eu uso a mente

Sou afrodescendente você vai ter que me aceitar assim

Cabelo enraizado é bom pra mim

Patrão puto que não me contrata na sua empresa

Porque não tenho olho claro, ele não me aceita

Eu entro no seu comércio

Eu gasto, eu consumo

Ai você me aceita

Isso é um absurdo

Dinheiro não tem cor, mas pra trabalhar tem

Há muitos negros vencedores

Eu digo amém

Negra mudando de cor não é normal

Pra poder ser aceita no país do real

Não troco minha raça

Por nada essa é minha casa Mais uma negra militante mostrando a cara

Branco correndo tá atrasado

Preto correndo tá armado

E é tiro da policia para todos os lados

Genocídio cresce no meu povo negro

Porque temos que morrer

Só porque somos pretos

Polícia racista, raça do diabo

Estão nas ruas correndo

Pra todos os lados

Com sangue no olho, em desespero

Pega o negro estudante e fala que é suspeito

20 de novembro, não nasceu por acaso

Zumbi dos Palmares lutou e foi executado

Teve sua cabeça cortada, salgada e espetada

Num poste em Recife na luta pela causa

Sou quilombola, descendente do guerreiro Zumbi

Não é você sistema opressor, que vai me impedir de sorrir

13 de maio a Falsa Abolição dos escravos  
A princesinha nos livrou e nos condenou  
O sistema fez ela passar como adoradora  
Não nos deu educação e nem informação

Lei do sexagenário ai foi tiração  
Libertaram os negros velhos, sem nenhuma condição  
Lei do Ventre livre ou do condenado  
Pequenos negros sem pai, para todos os lados

Na escola não aprendi  
Aprendi na escola da vida  
Estudei me informando atrás de sabedoria

Nossa cultura esquecida  
Apagada e queimada  
Na escola nunca ouvi  
Falar de Dandara

Somos obrigados a aprender o que é de fora  
Europa, Oriente, essa cultura não é nossa

Discriminam as religiões afro-brasileiras  
Falando que é do diabo  
Que é coisa feia  
Mais temos que se mexer para acreditar  
Pra obter conquista é preciso reivindicar

(refrão)

Meninas negras  
Não brincam com bonecas pretas  
Somos todos iguais  
Porque você me rejeita

Dominam os meus pensamentos  
Como o grande líder negro  
Eu não espero e vou à luta  
De tudo o que quero  
Sou puro sangue envenenado  
Corpo mente e alma  
Não tenho medo de nada  
Brasil é minha casa

Honro minha raiz  
Luto pela minha cor  
Tudo o que busco é por nós  
E faço com amor

Cabelo pixaim, da pele preta  
Aparência não me rebaixa, porque amo ser negra  
Sou mais uma guerreira que como Dandara  
Quero conhecer o meu passado  
E família na África

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de  
Bragança

O que fez de boazinha aquela cretina?  
Assinou abolição, sem nos dar esperança

Quem lutou subiu, quem não lutou ainda espera

Quilombos formados

Hoje codinome favela

Algemas minhas verdades

Ninguém é dono dela

Queimar arquivos não consolam os negros dessa terra

A porcentagem não sei, por isso não citarei

A grande parte dos carentes são negros eu sei

Rei de quilombos que foram no passado

De sua terra natal, foram arrancados

Agora tentam esconder com cotas de igualdades

Se a maior parte do preconceito

Está na faculdade

Eu não consigo me ver tomando chibatada

Roupa rasgada na mata violentada

Brasil o primeiro em miscigenação

Mistura de raça camufla a História da nação

Algemas no punho e nos pensamentos

Ainda somos escravos mesmo não querendo

A luta continua só você não vê

Abra os olhos que ninguém abrirá pra você

Olha lá, olha lá

Mais um navio negreiro

Mais mão de obra de graça

Pros canavieiros

Será que a história da época  
Era a mesma de hoje  
Promessas de empregos  
Que iludem a cabeça dos negros

Muitos morreram antes da liberdade sonhada  
Gotas de sangue escorriam do couro da chibata  
Lágrimas derramadas pra muitos foram piadas  
Soltos das correntes  
Sem poder voltar pra casa

(refrão)

Meninas negras  
Não brincam com bonecas pretas  
Somos todos iguais  
Porque você me rejeita  
Meninas negras  
Não brincam com bonecas pretas  
Somos todos iguais  
Porque você me rejeita

(Vinheta de abertura). Marion: Coletivo Sopapo de Mulheres apresenta: Ruídos Urbanos, Programa de Radiovisual. Apoio: Itinerante Produções, Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, Núcleo de Instauração Artística da UFRGS, Guaíy e Rede de Economia Solidária e Feminista.

Clarissa: Você já ouviu o barulho das tuas pálpebras piscando? E o som da tua respiração? Você percebe o barulho que as folhas fazem quando caem no chão? O som do ônibus lotado, o som da tua barriga roncando de fome... Lembra-se dos sons do momento mais irritante do teu dia? E os sons da



gurizada jogando bola ou de uma boa risada na roda de chimarrão: o que você sente ao escutar os sons das crianças brincando? *Ruídos Urbanos* propõe navegar nas ondas sonoras do cotidiano hoje com o tema *Mulheres Negras*. Nós somos o Coletivo Sopapo de Mulheres...

3. Cada uma: eu sou Clarissa Silveira, Cristina Nascimento, Diane Barros, Marion dos Santos. Clarissa: No streaming Jana Dalla Vecchia e na técnica Denise Flores.

4. Clarissa: Muitas agressões aconteceram de maneira simultânea, havendo inclusive policiais que sacaram armas de fogo - um deles sacou uma arma e ameaçou várias de nós dizendo “eu vou queimar você”. Entre as ameaçadas nessa situação, uma das mulheres inclusive avisou que estava grávida, o que não foi relevante para os policiais. Dois moradores que estavam na praça no momento do ocorrido também foram agredidos com cacetetes pela polícia. As mulheres que estavam com celulares foram alvo específico de agressões, e dois celulares foram roubados pelos policiais. Algumas das mulheres que tentavam fugir eram perseguidas e derrubadas e não conseguiam sair das agressões dos policiais, caídas no chão apanhavam com cacetetes e chutes, enquanto outras voltavam pra colocar seus corpos como escudos para tentar protegê-las e tirá-las dali. Essa cena se repetiu sucessivamente, e em meio a espancamentos com cacetetes as mulheres conseguiram chegar até as proximidades do Hospital de Clínicas, quando os policiais finalmente dispersaram. (trecho da carta do CHAMADO URGENTE DE SOLIDARIEDADE! AGRESSÃO POLICIAL NA 1ª FEIRA DO LIVRO FEMINISTA E AUTÔNOMA DE PORTO ALEGRE, ocorrida na noite de 01 de novembro de 2015 e publicada no dia 2/novembro/2015 no site da FLIFEA.)

5. Diane: Hoje estamos aqui com uma edição especial do programa, no mês em que se luta pela Consciência Negra e em que estamos lutando pela continuidade de direitos das mulheres já adquiridos. E para dialogar sobre o tema *Mulheres Negras* estamos aqui com a NÔ HOMERO, SILVANA RODRIGUES e BEATRIZ RODRIGUES. E pra começar eu gostaria que

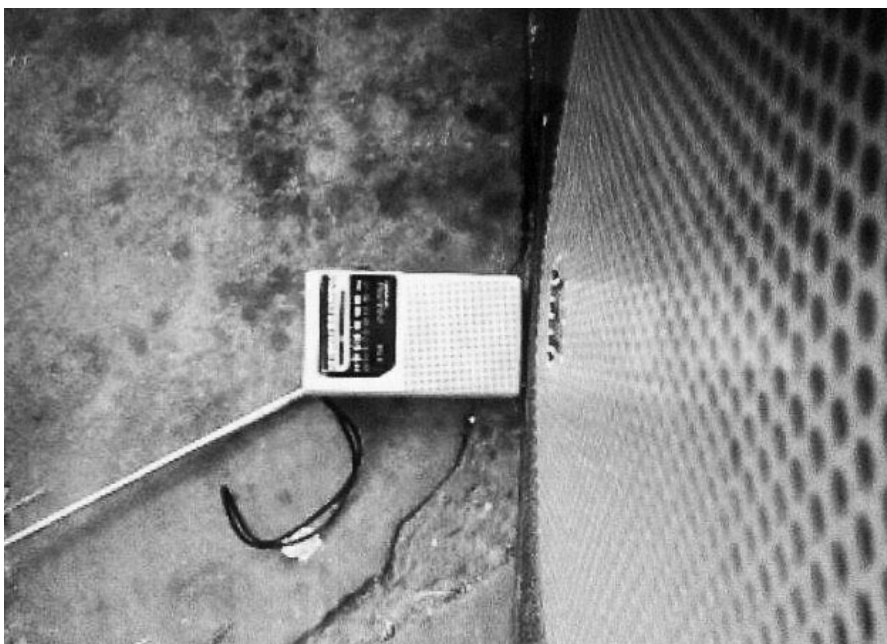
cada uma de vocês se apresentasse pra nós e contassem um pouco no que vocês estão trabalhando. Bia...

6. Beatriz: Eu trabalho em condomínios, tiro meu sustento daí, mas aqui no Quilombo do Sopapo é o meu lazer. Eu faço percussão e participo da Oficina de Bonecos que tem quartas-feiras aqui e faço, como eu posso dizer, uma outra aula aqui da rádio que tem aqui duas vezes por semana. Aqui é um lugar de encontros e autoafirmação pra mim também aqui. Eu e os meus filhos frequentamos aqui o Quilombo. Então é isso que eu faço.

7. Silvana: Boa tarde, eu sou a Silvana Rodrigues, sou atriz, performer. Eu comecei minha formação acadêmica em Artes Cênicas na UFRGS, mas no ano passado troquei pra Políticas Públicas. Sou uma estudante, sobrevivente, mulher negra de Porto Alegre.

8. Nô: Boa tarde. Pra mim é um prazer muito grande. Meu nome é Maria Noelci, sou conhecida como Nô. Sou ativista do Movimento de Mulheres Negras, ativista do Movimento Feminista de Mulheres Negras. Faço parte atualmente da Articulação de Organizações de Mulheres Negras, da Rede de Mulheres Negras para a Soberania e Segurança Alimentar. Participei ativamente desde 88 até 2012, onde eu me licenciiei, da Organização Maria Mulher, uma organização que já é uma das mais antigas do Brasil de Mulheres Negras. Bem, o meu trabalho, além de conhecer, discutir e fazer intercâmbio de conhecimentos com mulheres negras, mulheres negras feministas, não feministas, mulheres negras do campo, da cidade, das florestas, das águas, enfim, é essa troca de saber, essa troca de saberes e fazeres, que é extremamente rico, das mulheres negras. Porque isso faz com que a gente cada vez mais se conheça, conheça as nossas africanidades e principalmente da nossa ancestralidade.

\*\*\*



1. Coletivo Sopapo de Mulheres, 2015

*Programa de radiovisual Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*

Frame do streaming

## 2. Mulheres negras em diálogo

*“O cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem, ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo.”*  
Suely Rolnik (2006, pg.65)

O Coletivo Sopapo de Mulheres é um coletivo autônomo que sedia suas atividades regularmente no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. É um coletivo aberto e multidisciplinar, formado atualmente por:

Diane Barros, negra, 32 anos, moradora do Cristal, coordenadora do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo e bonequeira do Fuzuê Núcleo de Teatro e Animação, que tem como sede o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo.

Marion dos Santos, negra, 42 anos, moradora do Cristal, bonequeira e figurinista do grupo Fuzuê Núcleo de Teatro e Animação. Integrante do grupo de percussão Ialodê Idunn, que ensaia no Quilombo do Sopapo. É também técnica em enfermagem.

Cristina Nascimento, negra, 22 anos, moradora do Morro Santa Tereza. Tem formação em fotografia e audiovisual junto ao Coletivo Catarse de Comunicação, é educadora social e integrante da Cristalizar Vídeo Produções – CVP, empreendimento solidário de produção audiovisual incubado no Quilombo do Sopapo. É militante do movimento social Levante Pela Juventude.

Janaína Dala Vecchia, branca, 34 anos, produtora cultural junto à sua produtora Itinerante Produções Culturais e Artísticas LTDA. Cursa Ciências Contábeis na Faculdade São Judas Tadeu.

Eu, Clarissa Silveira, branca, 37 anos, moradora do bairro Rio Branco, artista visual, arte educadora, graduanda do curso de Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS e formada em Psicologia.

Denise Flores, negra, 47 anos, moradora da Vila Nova, atuante desde a década de 1990 no movimento Mídia Livre e Inclusão Digital, comunicadora popular e professora alfabetizadora na rede municipal de ensino de Porto Alegre com especialização em Tecnologias Digitais Assistivas.

Pois bem, o Coletivo Sopapo de Mulheres pressupõe a mulher enquanto uma categoria complexa, diferenciando-se pelo capital econômico, cultural e quanto ao acesso a todas as esferas, públicas e privadas. Em suas ações, O Sopapo de Mulheres prioriza confrontar as diversas realidades onde as mulheres estão inseridas, dando-lhes visibilidade.

A gestão compartilhada, colaborativa e processual define o modo de produção deste Coletivo. Reuniões, oficinas, seminários, círculos de místicas femininas, interações estéticas, são algumas das dinâmicas de produção.

O programa de audiovisual Ruídos Urbanos é uma invenção do Coletivo Sopapo de Mulheres. A partir da escolha de temáticas da vida cotidiana das cidades e seus sons que estão à parte do foco de escuta mesmo que intensamente presentes são criadas uma peça sonora, fruto da pesquisa dos ruídos e sons da cidade e uma entrevista com mulheres que não estão no foco da grande mídia por não serem consideradas o padrão/modelo de mulher estabelecido socialmente em nossa cidade. Já foram ao ar outras seis edições do programa.

Ruídos Urbanos é desafiador, experimental e processual. “Mulher, Arte e Mídia” é o argumento a partir do qual temáticas de interesse público são abordadas livremente. Os temas escolhidos são como fios iniciais para a criação dos programas de audiovisual. Uma cartografia sonora em que o mapa é traçado ao mesmo tempo em que o caminho é percorrido, onde a capacidade de experimentação, investigação, improvisação e abertura são as suas marcas.

O processo coletivo de criação do programa Ruídos Urbanos pressupõe etapas de desenvolvimento que englobam insights, livre exposição de ideias,

experiências estéticas, pesquisa teórica, reunião com colaboradores conforme os assuntos, emprego de técnicas e recursos da arte e da comunicação para sua formatação final e avaliação do processo após a realização ao vivo do programa. Ou seja, muito, muito diálogo. Nas palavras de Suely Rolnik:

O critério do cartógrafo é descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. (...) O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 2006, pg. 66)

A criação de uma sétima edição do *Ruídos Urbanos* para a escrita deste trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS afirma não somente o desejo de continuar desenvolvendo esta prática circunscrita no âmbito do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, mas também o desejo de inscrevê-lo no âmbito da universidade, através das minhas palavras. E assim, fazer o próprio trabalho dialogar com pensadores, artistas, teóricos e críticos do campo da arte e de outros campos que se mostraram interessantes para estabelecer uma zona de diálogo em um território conceitual ampliado, estabelecendo um pensamento de fronteira.

O programa de audiovisual *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* aconteceu no pátio do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo e foi veiculado ao vivo no dia 8 de novembro de 2015 pelo canal de streaming <http://www.ustream.tv/channel/radioquilombodosopapo>, permanecendo disponível no site <http://www.ruidosurbanospoa.wordpress.com>. A Rádio Sopapo é uma iniciativa em ondas livres que está sendo protagonizada pelo Coletivo Sopapo de Mulheres. Isto quer dizer que ela não existe até o momento em que colocamos o programa no ar.

Este trabalho de conclusão foi impresso em formato de livro artesanal, costurado a mão e encadernado com papelão reutilizado, também conhecido como publicação cartoneira, em consonância com a nova iniciativa de

geração de renda do Coletivo Sopapo de Mulheres, que é a publicação independente e cartoneira de programas realizados anteriormente, confeccionadas com o apoio do NIA – Núcleo de Instauração Artística da UFRGS e da Rede de Economia Solidária e Feminista, para ser vendida na 1ª Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre em outubro de 2015. Acompanha a presente publicação um CD de áudio contendo o programa na íntegra e a peça sonora, que também será apresentado no espaço expositivo, sendo tocado em um aparelho de áudio, na ocasião da banca de avaliação deste trabalho.

A escolha do tema *Mulheres Negras* para este programa *Ruídos Urbanos* aconteceu a partir de uma roda de conversa sobre as relações inter-étnicas entre homens e mulheres, em setembro de 2015, entre as integrantes do Coletivo Sopapo de Mulheres. Durante a conversa, a conexão foi quase direta: o homem se sente no direito de abusar da mulher negra em todas as esferas da vida social hoje em dia no Brasil, pois esta ainda possui a imagem vinculada ao papel social de objeto servil que cumpria durante a escravidão. Mesmo que assalariada, a mulher negra recebe menos que o homem negro, que recebe menos que a mulher branca, que recebe menos que o homem branco. Ou seja, o racismo está presente na sociedade brasileira, bem como no cotidiano das mulheres negras deste Coletivo.

O legado da escravidão na autoestima da mulher negra é reconhecido por elas como uma marca feita a ferro e a fogo cotidianamente. “Eu sempre ouvi minha mãe me dizer que se fosse no tempo da escravidão, eu seria amante do sinhozinho, porque tenho a canela fina e sou sarará do olho verde”; ou “vai abaixar esse cabelo, menina” são frases depreciativas reproduzidas mesmo em casa pelas suas avós, mães, tias, e também pelos homens.

Fomos buscar o conceito de autoestima na enciclopédia livre Wikipédia, onde a “autoestima inclui uma avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>). Complementamos que a autoestima é construída nas relações sociais entre os indivíduos. Para o Coletivo Sopapo

de Mulheres, a autoestima da mulher negra está relacionada com *sentir-se capaz*. Sentir-se capaz de educar os filhos, de trabalhar, prover a casa, completar o ensino, entrar na faculdade, estabelecer um relacionamento afetivo saudável, incluir-se e ser incluída socialmente enquanto mulheres e negras.

Unindo a temática do papel social esperado e o cumprido pelas mulheres negras brasileiras, o trabalho *Ama de Leite*, realizado em 2007, pela artista negra Rosana Paulino, apresenta monotipias sobre tecido, com ilustrações de cenas de crianças e suas amas de leite colocadas na parede, costuradas e interligadas a garrafas de vidro por fitas de cetim branco, dispostas no chão. A artista reconhece

uma ligação quase simbiótica entre o elemento negro feminino e a ocupação de um local social servil simbolizado pela passagem, no imaginário social, dos papéis da ama-de-leite à babá, da mucama à empregada doméstica, ocupados, ainda hoje, pelas mulheres negras na sociedade brasileira. (PAULINO, 2011, pg.58)

Milton Santos, expoente pensador negro, afirma sobre o tema que

ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo, tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver “subido na vida”. (SANTOS, 2000, pg.3)

A escolha do tema *Mulheres Negras* para este *Ruídos Urbanos* se deu pela necessidade do Coletivo Sopapo de Mulheres de estabelecer um diálogo público com mulheres negras que estão fora do foco da grande mídia para dar visibilidade às suas múltiplas e diferentes potencialidades a partir de suas condições e negritude.

Mas ainda mais do que isso. Os tempos atuais no Brasil estão difíceis, com o aumento da visibilidade de manifestações misóginas, racistas e fascistas. Em contraponto, há um desejo de afirmação de cada uma do Coletivo, enquanto mulheres negras da periferia em serem reconhecidas como promotoras da cultura. E um desejo meu, enquanto uma das poucas não negras do Coletivo, em estar junto a elas fazendo essa afirmação. Como fazemos isso? Estamos na rua, pulsando o que a rua pulsa, pulsando o que a cidade pulsa, pulsando o que a periferia pulsa. Uma vez que eu não sou da periferia, tampouco sou negra, me sinto habitando uma zona de fronteira. E



este assunto, o da autoestima da mulher negra, se torna meu, e o do racismo, também. Em meio às companheiras negras deste Coletivo eu sou a branca e foram os brancos que inventaram o racismo. Então precisamos nos haver com isso, cada uma de seu ponto de vista.

Esse pulsar e dar passagem, em nossos corpos, para esses afetos pulsantes não é uma práxis qualquer. É preciso muita disponibilidade. Aguentar o peito cheio de tristeza, chorar com as companheiras muitas vezes ao escutar suas histórias, repensar e relembrar as situações racistas reproduzidas cotidianamente, inclusive nas minhas atitudes e na da minha família. Pois eu também sou um ser humano fruto desta sociedade escravocrata. E sim, sou branca, classe média, universitária, e tudo mais.

O desafio pra todas nós, ao longo desse processo, foi de mergulhar neste tema tão caro e tão doloroso, e transformá-lo poeticamente de modo coletivo, transmitindo a força que ele carrega. Potencializá-lo ainda mais, pra que essa sensibilidade produzida em nós tocasse a todos e todas, ou pelo menos, a maioria de nossos ouvintes.

Escolhemos mulheres para dialogar que, em primeiro lugar, fossem negras. Em segundo, exercessem algum tipo de militância política. Em, terceiro, que fossem pessoas comuns, no sentido de não serem famosas ou já reconhecidas e enaltecidas pela grande mídia. Em quarto, que tivessem alguma prática de arte constituída, fosse de modo profissional ou amador.

\*\*\*

9. Marion: Nô, vou perguntar pra ti. Eu trabalhei alguns anos na área da saúde. Não foi no serviço público, mas foi na área da saúde, em hospitais. Nós sabemos que existe um modelo de atendimento padrão nos serviços públicos. Tu achas que este modelo pode se configurar como racismo institucional?

10. Nô: Bem, eu não acho, eu tenho certeza, e certeza absoluta, e ele não é configurado, ele é explícito. Absolutamente explícito. Porque inclusive tem indicadores e estatísticas que atualmente tão sendo credibilizadas porque não somos nós, população negra, que fizemos. É população não-negra que faz esta estatística e esses indicadores, onde diz que em torno de 75% das mulheres negras atendidas nos serviços públicos de saúde não são tocadas, principalmente na área de ginecologia. As mulheres negras não são tocadas. E na área da saúde também há mortalidade materna em função disso, de não serem tocadas, não serem examinadas. Então isso é um racismo, é um racismo institucional, que também é agravado pelo racismo introjetado.

11. Cristina: Então meninas, como a Nô disse, há quinhentos anos se têm falado sobre a questão do racismo e enfrentamento. Eu queria que vocês contassem um pouquinho como vocês enfrentam o racismo e como vocês auxiliam outras mulheres a esse enfrentamento. A Silvana pode começar a falar um pouquinho pra nós.

12. Silvana: Então, enfrentamento é todo dia. Sair de casa, escolher ter uma profissão, poder ter uma profissão, pegar um ônibus, ir no supermercado, nas mínimas coisas, nas mínimas atividades do dia-a-dia, a gente tem que enfrentar o racismo. Tu vai no mercado com uma sacolinha, uma ecobag que todo mundo tem, uma sacolinha que é mais aberta em cima, e tu sabe que um segurança, talvez da tua cor também, vai atrás de ti porque eles são treinados pra seguir as pessoas. E existem muitos estigmas pra gente. E muitas vezes eu quero peitar esses estigmas e outras vezes eu deixo que a situação se crie pra que se pense sobre isso. Não fujo dela imediatamente.

Durante muito tempo eu andei com meus produtos no mercado sem botar numa cestinha pra que não levantasse desconfiança. Agora não, agora eu quero que a situação aconteça porque racismo é crime. Então a gente nem deveria estar explicando sobre racismo. As pessoas tem que se precaver para não cometer crimes porque tem uma legislação pra isso. Mas no Brasil, quando chega a ser descoberto, quando vira evidência o crime de racismo, ainda assim, ele é visto como injúria racial, é sempre amenizado de alguma forma. Então, durante muito tempo eu também tive bastante receio do estigma que nós mulheres negras temos de ser a barraqueira. De ser a que briga, ‘aquela ali é uma barraqueira’, e eu não queria ser a barraqueira. Então eu fui construindo várias formas de me articular para não ser a barraqueira. Quando eu entendi que na verdade barraqueira é toda e qualquer mulher que não vai deixar a opressão passar daquele ponto. Então agora eu não tenho receios de ser uma barraqueira quando precisa, mas me trabalho para ser uma articuladora para além da discussão direta. E daí também a minha questão de trocar de curso. Durante a minha formação no curso de Artes Cênicas, muitas vezes, e com muitas colegas de trabalho, a gente compartilhou momento de eu ser chamada por qualquer outro nome de qualquer outra menina negra, sendo duas negras no Departamento inteiro de Artes. Todas eram chamadas pelo mesmo nome porque nós éramos qualquer uma. As pessoas não conseguiam perceber a diferença dos nossos cabelos, dos nossos corpos, de nada. Então, e quando vinham os trabalhos, o trabalho é a peça x, que tem uma família e tem uma empregada, nós éramos a empregada. Então, uma das maneiras que eu encontrei de enfrentar pensando na minha profissão de artista foi trabalhando junto, organizando com os meus colegas de Departamento um espetáculo, que afirmasse a nossa negritude, a nossa história, como seres complexos, e não só embalagens vazias que estão ali pra servir, pra limpar, ou que é o criminoso, ou que é a mulher que é amante, e pra desfazer vários estigmas que nos colocam. Hoje ou ontem, não tenho certeza, tava lendo um texto que provavelmente vai ser bastante compartilhado, bastante lido e assimilado, do Jorge Furtado, um diretor, falando de como a indústria do simbólico, do cinema e do teatro, afirmam e reforçam esses lugares. E daí eu fico

pensando se eu que sou artista, que trabalho com o imaginário, se nem nesse espaço eu consigo transcender, então o que fazer, né? Mas daí vem a questão das formações. A gente tem que peitar, e tem que peitar com as leis, e tem que peitar com direitos, porque durante muito tempo a nossa autoestima foi tão maltratada que nós não nos autorizávamos enquanto pensadores, porque não tínhamos uma formação. Agora a gente tem um pouco mais de acesso, um pouco, não muito, quando os números são colocados parecesse que nossa, tem muito acesso, mas é pouco acesso. É pouco acesso à universidade ainda, é pouco acesso à saúde, é pouco acesso a tudo. Mas temos algum acesso. E temos agora as redes sociais também, que tem auxiliado para que as pessoas se autorizem como pensadores, como articuladores. Eu sou uma pessoa que me considero uma articuladora, na vida, nas redes, onde eu tô, tencionando sempre, porque não dá mais. Simplesmente não dá mais pra gente continuar em silêncio. A gente tem que se posicionar.

13. Cristina: E Beatriz, conta um pouquinho pra nós como é o enfrentamento e como é que tu auxilia outras companheiras também a resistirem.

14. Beatriz: Bem, eu tenho um pensamento que a autoafirmação começa dentro de casa. Então, a minha filha que tem 22 anos, na época dela eu não tinha muita noção ainda de como fazer. Eu tive ela muito nova, então foi um pouco difícil porque eu precisava me afirmar na minha vida. Mas eu nunca deixei de dizer pra ela, que não se pode ter vergonha de quem é, porque tampouco isso é uma vergonha. Eu acho que eu sou um ser humano, nós negros somos seres humanos, e merecemos respeito. Mas ao passar do tempo, isso se repetiu de novo, com a minha outra filha que hoje tem 12 anos, e com o meu outro filho que hoje tem 14. E eu soube enfrentar melhor essa situação. E eu acho também que a gente tem que procurar a autoafirmação dentro da gente e enfrentar esses desafios né, que é na saúde, na lei. O medo é constante, porque o menino é negro, então tu sente medo, cada vez que ele sai na rua, dele não voltar mais pra casa, e dele ser posto no muro porque ele é negro e apanhar. Então isso é uma luta constante. E eu

acho que as pessoas que são negras devem se unir mais e não abaixar a cabeça nunca e dizer, eu sou negra, com muito orgulho. Então, é assim que eu enfrento as situações difíceis da minha vida.

15. Cristina: Nô?

16. Nô: O racismo, gente, é uma coisa perfeita. Uma das atuações mais inteligentes que existe, porque à medida que a gente reage, tem o MNU da Bahia que diz, reaja ou será morta, reaja ou será morto. É verdade, a gente vem reagindo há 500 anos. Nós fizemos sim, nós nunca deixamos de enfrentar. É algo extremamente inteligente, se move na medida em que a gente se move. É tão inteligente que ele faz com que nós nos acusamos. Nós, que não inventamos o racismo, somos nós que tomamos conta dele. Somos nós que fazemos ações para o enfrentamento. E não deveríamos, nós não inventamos isso. Mas, é uma coisa tão engendrada que nós falamos da nossa autoestima, nós ficamos com a nossa autoestima baixa, nós acusamos outra mulher negra porque a gente diz que ela não se valoriza, como se ela não tivesse o direito. Então o que que faz o racismo, nos tira a humanidade. Nós não temos direito a errar, porque quem erra é humano. O racismo nos tira a nossa humanidade então nós não podemos errar. Se a Beatriz faz alguma coisa, ela não tá se comportando como uma negra que deveria se comportar. Então ela é assim, aí nós somos as barraqueiras, nós somos isso, mas não avaliamos o quanto a nossa ancestralidade se comporta. E é isso, o enfrentamento é esse, não de julgamento, mas conhecer a nossa história. Porque aí sim, a gente sabe que a gente pode ser absolutamente qualquer coisa, que a gente pode tá em absolutamente qualquer espaço, sendo espaço público, espaço privado, na universidade, não sendo universitária, estudando, não estudando, o que a gente faz é absolutamente de resistência. Mesmo na universidade, eu diria que a resistência é terrível, porque aí tu enfrentas dois níveis. Um, por estar na universidade. Outro, por morar na periferia e aí tu passa a ser a nega cheia. Outra, tu não é reconhecido, tu fizesse um esforço danado. É esforço de enfrentamento, porque também há outra coisa. A gente nunca é inteligente, a gente é esforçada. Nunca reconhecem a nossa inteligência. Mas é uma negra muito, mas muito

esforçada. Ou é uma negra muito bonita. Eu não vejo ninguém dizer é uma branca bonita. Negra porque, no lugar que colocaram pra nós, não somos o modelo de beleza, da estética. A estética que o racismo coloca é um modelo branco que não é o nosso. E um outro enfrentamento que nós temos que fazer, de nos olharmos, é em relação a nossa melanina. É a auto declaração. E eu acho que a gente precisa diminuir a nossa tensão de condenação. Se têm aquelas mulheres ou aquelas pessoas de pele mais clara, isso tem por princípio discriminar, por isso. E se tem alguém de pele mais clara o racismo vais valorizar mais porque se aproxima muito mais do fenótipo branco. Então vai ter mais oportunidades. E às vezes as pessoas se deixam levar por isso. E tem uma ação e reação em relação às pessoas com a melanina mais forte. Como a gente chama, pouca tinta e muita tinta. Mas na verdade quando as pessoas se auto reivindicam isto a gente precisa respeitar e considerar, porque o racismo vai convencer, por exemplo, a Silvana, de que ela é bonita e ela tem a pele clara. Então ela não precisa dizer que ela é negra. Porque, como é que ela vai dizer isso, se ela é uma pessoa assim com a pele tão clarinha. Por isso que a gente inventou de dizer isso negra preta, negro preto, que é uma expressão nossa, daqui. Mas o que eu considero de fundamental importância é isso, na verdade não é união, é reconhecimento. Porque uma das coisas também que o racismo nos impõe é dizer que somos irmãos. Eu não tenho irmão, eu tenho uma irmã. Então eu não sou irmã da Diane, nós podemos ter a mesma causa. Porque povo nenhum constrói unidade, mas de nós exigem. ‘Mas como, ele discriminou’, ‘as mesmas pessoas negras também ficam discriminando’... Evidente! Se nós somos de uma sociedade racista, é evidente que nós vamos reproduzir isso. Vamos reproduzir e vamos discriminar, e, principalmente, as crianças. Se elas veem que ser negro não é algo que tenha valor, algo que é colocado diariamente, ela vai dizer que ela não é. Então uma das coisas que é importante de a gente fazer esse enfrentamento é na educação. Claro que na família é extremamente importante, começa, mas a família sozinha não consegue. Porque as relações fora de casa também contam, estar num grupo é muito importante, se identificar com o grupo é muito importante. E as crianças negras, principalmente na escola, é o primeiro espaço de discriminação. A

professora vai abraçar e beijar, na primeira série, as crianças brancas, as crianças negras ela passa a mão na cabeça e vai dizer ‘ah, amanhã te espero’. As crianças não negras são a coisinha mais queridinha, as loirinhas parecem anjos, e as crianças negras nunca são comparadas a anjos. Então a nossa intensificação é essa, de tá sempre alerta, de fazer uma discussão em escola, de não permitir que nas escolas as crianças se sintam discriminadas, e fazer essa atuação. E se tiver que fazer barraco, é evidente que sim, a gente tá lutando por direitos. Tem uma lei, como tem muitas leis, mas não são exercidas na íntegra, então a gente precisa fazer valer. E espaços assim como esse que vocês estão construindo é espaço de resistência. Porque vocês vão construir esses espaços pra fora e pra dentro. E com certeza vocês já são exemplos.

17. Clarissa: Queria pegar o gancho dos coletivos que tu tá trazendo, como a necessidade da criação desses coletivos, pra que vocês contassem um pouco dessas iniciativas que vocês estão participando agora, que é a peça de teatro Qual a diferença entre o Charme e o Funk, o grupo de percussão Ialodê Idunn, e a Marcha das Mulheres Negras à Brasília.

18. Silvana: Então, falando da peça. A gente, ano passado, em maio do ano passado, teve uma festa. E tinham vários colegas do teatro, e a gente começou a conversar sobre isso de trabalharmos juntos numa ocasião, os poucos colegas negros do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, e surgiu a ideia de fazer esse espetáculo. Enfim, justamente nisso, pensando no nosso protagonismo e que a nossa história nunca é contada. Ela é muito evidenciada, é a partir da mulher que se discute gênero, é a partir do negro que se discute negritude, mas a gente não tem um espaço efetivo que nos valorize enquanto sujeito de subjetividades. Então começamos a criar o espetáculo e era bastante curioso que a gente chegava no Departamento pra ensaiar, sete atores, num departamento de 200 alunos ou mais, e quando estávamos sentados todos esperando alguém do elenco chegar pra ensaiar, outros colegas vinham e perguntavam, ‘por que todos os alunos negros estão juntos?’ Mas os brancos estão sempre juntos! Se tu vai e entra numa sala do IA qualquer tarde de qualquer dia, tu abre a sala e tu pode eventualmente

encontrar aluno negro. Mas na maioria do tempo se tu vai no RU, no Restaurante Universitário, tu vai ver, agora um pouco alterado desde a política de cotas, mas tu vai entrar e vai ver muitos brancos comendo e muitos negros servindo. Então porque que era uma questão, né, então, só o fato de estarmos juntos já criava uma questão. Mas porque que é uma situação né? Por que que nós chamamos a atenção, né? E daí, então, criamos o espetáculo que estreou no ano passado como estágio de atuação de uma das atrizes, como parte do trabalho de formatura dela e nesse ano voltamos daí profissionalmente realizando uma temporada com este espetáculo que fala de muitas das questões de todos ali do elenco. Da questão da violência que nós somos submetidos, a violência à mulher, violência de gênero, quanto às questões de sexualidade, são questões que a gente fala na peça. A questão do cabelo, que é indiscutível, toda mulher negra em algum momento teve um embate com o cabelo. E leva um tempo pra gente ter essa construção do nosso empoderamento e do nosso amor e entender que ele, nosso cabelo, é uma coroa e que ele é lindo do jeito que ele é. A peça fala sobre todas essas questões humanas, como seres humanos que às vezes choram num cantinho, e às vezes sorriem e que comem, e que fazem todas as outras coisas que as pessoas fazem. É um espetáculo de arte, como qualquer outro espetáculo de arte feito por atores negros. E tá em cartaz ainda, hoje, dia 8 de novembro e tem mais ainda semana que vem na Sala Álvaro Moreyra, às 20h. O nome da peça é ‘Qual a diferença entre o Charme e o Funk?’

19. Clarissa: Bia?

20. Beatriz: Bem, eu participo da percussão aqui no Quilombo, e realmente é muito bom. A gente trabalha com músicas afros, e eu entrei na percussão porque eu queria muito aprender a tocar tambor. O tambor me chama. Ele ecoa dentro de mim. Então eu entrei na percussão porque é muito bom mesmo. Então a gente trabalha com as músicas afros e o Edu procura trazer, como é que eu vou dizer, trazer o antigo, o antigo pra dentro da percussão. Ai, como é que eu vou explicar, ah, músicas antigas, trazer da gente mesmo, da nossa vivência, do nosso passado, músicas que possam ser tocadas na



percussão. Isso é muito bom. E além do tambor, tem muitas outras coisas que dá pra ser feito. Então eu gosto muito. Então eu convido pra quem quiser conhecer, acontece em todos os sábados aqui, das duas às seis. Então é isso.

21. Diane: Eu queria fazer uma pergunta ainda em cima da colocação da Bia. Como é que tu te sente sendo mulher percussionista tamboreira?

22. Beatriz: É um pouco cedo pra dizer que eu sou tamboreira (risos). Mas eu me sinto muito bem porque o tambor é uma coisa mágica. Ele me leva pra uma outra dimensão. Então eu fico muito bem. E um dia, se deus quiser, eu serei uma tamboreira! (Risos)

23. Clarissa: A Marcha?

24. Nô: Eu gostaria de resgatar um pouquinho do que as gurias falaram. A Bia tamboreira, é isso né, quando a gente diz que é africanidades e ancestralidade, é isso que a gente tem muito tempo sufocado e coloca pra fora, porque o nosso meio de comunicação é através do tambor. E isso também não é falado. A gente sempre tem a expressão, ‘bah eu vou fazer uma, pra falar contigo, as novas tecnologias, tem tanta coisa, mas eu vou soltar uma fumaça e tal’ porque é a comunicação indígena. Mas tambor, ‘vou bater um tambor’, isso só, pra se comunicar, isso só é através da gente, né, não pega. Então isso é extremamente importante. E como a gente vem dizendo, nossos passos vêm de longe. A nossa construção de resistência é desde que a gente saiu de África. Então, e nos organizando, enquanto resistência, claro que não somos reconhecidas, a nossa história é negada, é contada só uma história oficial, que não é feita por nós e que atualmente, atualmente não, já há algum tempo vem mudando, porque nós que contamos as nossas histórias. E quando a Silvana fala da peça que realmente é maravilhosa, essa provocação é excelente, porque Charme, Funk, tudo isso que nasce na periferia negra é condenado. É visto como algo que não é bom. Por quê? Porque dá uma ascensão, dá uma visibilidade, e principalmente, ascensão econômica. As festas Funk, as festas de Charme, é um público muito grande. E isso quem promove, começa a ter ascensão econômica.

Então, precisa ser barrado dizendo que tem muito tráfico, que rola muita droga, que a polícia vai. Passa pra mão de outras pessoas não negras. Então essas coisas quando a gente fica voltando ainda a um enfrentamento, quando a gente parte pra acusação, não que a gente vai ser boazinha e perdoar tudo né, mas é bom a gente fazer essa análise de conjuntura. O que que tem por trás? Sempre alguma coisa em relação a nós tem algo por trás direcionado, pra que se pense daquela forma e que se trabalhe pra desconstrução. Bem, a Marcha das Mulheres Negras fazem três anos que foi pensada. Nós precisamos ter algo que mostre o posicionamento das mulheres negras, porque se fala em feminismo, mas não se fala em feminismos. Então a gente precisa introjetar no nosso discurso que existem feminismos, de mulheres negras, de mulheres brancas, de mulheres indígenas, de mulheres orientais, pra trazer isso pra nossa discussão. Então pensamos em mobilizar as mulheres negras pra dar visibilidade, vez e voz às mulheres negras. Aí surge a ideia da Marcha. Essa Marcha ela é composta por absolutamente por todas as pessoas que dizem que querem um mundo melhor. Mas é dizer e praticar. É um mundo sem racismo, sem violência, e pelo bem viver. E quando a gente fala pelo bem viver é isso, é que a gente tenha direito à saúde, que a gente tenha direito à educação, que a gente tenha direito à alimentação saudável e de qualidade, e que a gente participe principalmente nos espaços de poder e de decisão. Não só no executivo e no legislativo, mas principalmente nas organizações da sociedade civil. Porque às vezes nós temos organizações da sociedade civil dirigidas por mulheres onde a maioria das mulheres que trabalham são mulheres negras, e não chegam à direção destas instituições. Então nós precisamos tá lá, nós precisamos estar nos espaços de poder e de decisão, porque nós podemos. E o nosso slogan é ‘Quando uma sobe, puxa as outras!’ Então, nós temos que fazer isso. Eu posso não gostar da Cris, não concordar com o trabalho dela, mas eu tenho que ver as coisas boas que ela faz, e que isso não é pessoal. Nós temos que trabalhar, e aí eu acho que isso é um pouco confundido com irmandade, que somos irmãos. Não. Nós não somos porque nós ainda não sabemos perfeitamente de onde nós viemos, é estudo, mas tem algumas identificações, mas a gente vem do mesmo continente, então nos temos

também a mesma marca. Então é importante que a gente possa desconstruir este racismo onde a gente não fica feliz quando uma pessoa negra tá num espaço de poder e a gente começa a atingir. Mas isso o racismo nos construiu. Porque como oficialmente nós somos a maioria, imagina extraoficialmente, com certeza se a gente pensar em espaços de poder, nós tomamos conta. Por que nos barram na educação? Porque se tá lá, a gente toma conta. Porque a gente tem isso, nós temos que ser melhores, as melhores, pra poder estar em alguns espaços e poder ser reconhecidas e olhe lá. Então a gente precisa exercer isso, quando uma sobe puxa a outra independente de qualquer coisa. Então a Marcha vai trazer muito isso, de dar visibilidade, de mostrar as nossas fragilidades, e também trazer como a gente vai enfrentar estas fragilidades, como é que nós podemos estar em absolutamente todos os espaços. Porque às vezes dizem que nós somos poderosas, as lutadoras, as guerreiras, e isso também nos tira a oportunidade de ser choronas, frágil, porque desta forma a gente também está reagindo. Eu não quero ser forte, eu quero reagir da forma como eu acho que tenho que reagir. Eu quero ter o tempo pra eu reagir, pra eu me sentir bem, e dizer, não, agora eu quero dizer basta, mas do meu jeito. É isso, é ter espaço, pra que cada uma de nós possamos nos mostrar e querer ser aquilo que nós somos.

25. Diane: Eu queria fazer uma pergunta pra ti Nô, por que organizar a Marcha em Brasília?

26. Nô: Bem, aonde está o espaço de poder? A Marcha não vai acontecer única e exclusivamente em Brasília. A Marcha vai acontecer em absolutamente todos os estados, todos os municípios, todos os bairros, quem não pode ir lá faz aqui. Por quê? As reivindicações, como é que eu vou entregar no Congresso as reivindicações? Vou mandar? Não, tem que ter uma comissão que esteja lá, é o espaço político, é o centro político do país. Então tem que tá lá. Tem que se entrar lá pra mostrar o nosso poder, e tem que ser imediato. Então foi calculado que não poderia ser numa sexta-feira, porque não iríamos encontrar os políticos necessários pra que pudéssemos entregar as nossas reivindicações ou fazer reuniões. Então é necessário sim.

Se vocês perceberem, nós estamos num período muito crítico da atual conjuntura, de ataques. Por quê? Porque tem uma parcela da população que tem que ser oprimida e que tá ascendendo, tá tendo seus direitos garantidos, e dentre elas, esta população, são população negra, as mulheres, ou seja, as pessoas menos favorecidas pelas políticas públicas. Então nós precisamos atacar isso. Por que quem é que eu vou explorar? Então eu preciso sobreviver explorando alguém, porque é desta maneira que eu vou ascender. Então isto tem que ser atacado. É importante que estejamos em Brasília pra poder consolidar estas políticas reparatórias, estas políticas que nos atingem, diretamente, estas políticas compensatórias. Então por isso que tem que ser em Brasília. As Conferências estão acontecendo em Brasília porque, se é uma conferência, tem que conferir, então a gente confere, faz proposta pra melhorar e entrega pra quem vai executar. Então este é o motivo de que a Marcha das Mulheres Negras estará acontecendo no dia 18 de novembro e a ideia é que reúna o número máximo possível de mais de cinco mil mulheres que estejam lá pra mostrar a nossa força, a nossa cor, exigindo o nosso bem viver. Porque o número de mulheres negras que morrem de mortalidade materna é grande, a juventude negra tá sendo exterminada, é um genocídio, então nós precisamos denunciar isto e muitas outras coisas. Não ter espaço no poder de decisão. Nós temos muito poucas mulheres que se candidatam pra cargos eletivos, existe a lei dos partidos de ter um mínimo 30% mas nenhum tem; que dentro desse percentual tenha que ter paridade de raça, não tem. Então nós precisamos estar lá em Brasília e exigir que isso aconteça. Afinal de contas, dizem que somos um país miscigenado, mas é um país miscigenado onde tem um segmento racial que é privilegiado. Então é isto que a gente precisa discutir. (tosse) E isto nós precisamos discutir não só lá, mas em todos os espaços que nós estivermos.

\*\*\*



2. 1ª Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre, 2015  
Foto: Clarissa Silveira

### 3. Escutar sons

A pesquisa dos sons do cotidiano emerge do desafio imposto à escuta pelo ritmo frenético das cidades na contemporaneidade. O som do trânsito, alarmes, sirenas, motores e equipamentos eletroeletrônicos em geral podem nos ensurdecer.

Tudo emite som, mesmo que não percebamos: a respiração, os órgãos internos, o coração e o sangue correndo nas veias são a própria orquestra sinfônica. O útero é tão sonoro quanto à galáxia toda, nos faz lembrar o mergulho corporal requerido pelo trabalho de Lilian Maus, “No Útero da Linguagem”, de 2015. A instalação aconteceu numa sala preta, apresentando no chão grandes tubos de tecido oxford e plush, preenchidos com fibra de silicone previamente costurados por Natalia Trewiczewski e no teto uma constelação de pequeninas letras plásticas. A trilha sonora de Giovani Bonin-Barbieri mesclava o som uterino e o som das galáxias. A experiência se completava ao mergulhar, de fato, o corpo inteiro nesse ambiente.

De outra forma, nos interessa o mergulho nestas sutilezas sonoras. O som dos cabelos ao vento e do movimento dos membros. O vento batendo na pele. O vento ecoando nos ouvidos. A sola do pé sobre a areia da praia. Tudo é matéria para aqueles que escutam:

O corpo que dança, o corpo que se movimenta pela rua, o corpo que luta, o corpo que colide com outro corpo. Todos esses corpos criam ritmos, são focos de experiência e de sons: a escuta e a execução de diferentes partituras (MESQUITA, 2014, pg.135)

Como escutar essas partituras cotidianas? Experimente fechar os olhos e prestar atenção de maneira que todos os sons te afetem sem nenhum um foco de atenção. Há vozes, há barulho de carro, há canto de pássaros e latidos de cachorros. Os sons das coisas são produzidos simultaneamente em qualquer lugar e compõe aquela paisagem sonora, que em si é uma

combinação de sons aleatórios característicos daquele lugar naquele momento.

E quando ocorre de a escuta iniciar a priorização de algo, essa escolha está diretamente ligada aos afetos e aos pensamentos. É o som que incomoda ou o que apraz que sobressalta à escuta. O pensamento é capaz de costurar os sons, atribuindo um sentido discursivo, pontuando a produção daqueles sons como produção de discurso. Ao passo que é o sentido (afetivo ou discursivo) atribuído àqueles sons que vai gerar um foco sobre eles, podendo encadeá-los em uma narrativa sequencial e hierarquizada.

André Mesquita, em seu texto *Escuta*, traz a definição do “ritmanalista” de Henry Lefebvre para questionar o modo como os artistas entram em diálogo com o público. O “ritmanalista” é

alguém atento não apenas à informação, mas dedicado a ouvir o mundo com todos os seus ruídos, as coisas sem significado, os vazios e os silêncios. Primeiro, o ritmanalista mergulha na escuta interna de seu corpo (a respiração, o coração, os músculos e os membros). Depois, percebe os ritmos externos – odores também marcam ritmos. O corpo do ritmanalista, diz Lefebvre, é um metrônomo. (MESQUITA, 2014, pg. 135)

Mas como escutar os sons do cotidiano de modo a produzir um discurso poético sonoro? John Cage propõe um modo de captação de frases do cotidiano, por exemplo, do seguinte modo:

Para cada dia, a partir de operações ao acaso, determinei quantas partes do mosaico escreveria e quantas palavras haveria em cada uma. O número de palavras por dia deveria ser igual ou superior a cem, ao fim da última proposição. (CAGE, 2013, pg.3)

O texto resultante é um mosaico de ideias, proposições, palavras e histórias que também são um diário do artista:

“DIÁRIO: COMO MELHORAR O MUNDO (VOCÊ SÓ TORNARÁ AS COISAS PIORES) 1965

**I. Continue; eu descobrirei onde você sua (Kierkegaard).** Estamos ficando livres da propriedade, que vamos substituindo pelo uso. Começando com ideias. Quais podemos pegar? Quais podemos dar? *Desaparecimento da política do poder*. Não mensuração. *Japonês, ele disse: nós também ouvimos com os pés(...)*. (CAGE, 2013, pg.3)

Outra proposta é a peça sonora *Náhuatl*, do artista catalão Josep Cerdà. Produzido em 2014 pelo Laboratório de Arte Sonoro da Universidade de Barcelona (<http://artsonor.net/>), traz o testemunho e transmite o terror

daquele primeiro encontro entre os astecas e os espanhóis, através da narração de um relato épico costurado a sons atribuídos àquela situação pelos artistas. São palavras e cascos de cavalos batendo no chão.

Mas como estabelecer um diálogo poético entre o tema autoestima da mulher negra com os sons do cotidiano?

Estávamos vendendo nossos livros cartoneiros na 1ª Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre, ocorrida em praça pública, quando criamos o roteiro da peça sonora. Com os sons já decupados, identificamos que havia duas qualidades nos sons já captados. Um, o enaltecimento da negritude; dois, o racismo. Aproveitando o clima da Feira, de luta pela manutenção de direitos já adquiridos em meio a uma frente conservadora e reacionária presente na política atual brasileira; e ao mesmo tempo a afirmação da potência do feminino, em meio a tantas manifestações de autonomia e valorização da mulher naquela praça, nós unimos os sons de forma que, as manifestações positivas e negativas em relação à mulher negra fossem escutadas simultaneamente e/ou intercaladas. Pois assim é na vida, ao mesmo tempo em que somos valorizadas e reconhecidas, há também a violência e a misoginia contemporânea. Vide a agressão sofrida pelas mulheres na Feira logo depois da nossa saída para casa. O relato da violência policial sofrida não entrou na peça, optamos pela leitura ao vivo no programa. As perguntas que ficam são como pode ser tão perigosa e afrontadora a organização autônoma das mulheres em uma sociedade machista? Por que é tão necessário calar as mulheres, e em especial, as mulheres negras?

\*\*\*



27. Peça sonora: Salve! Salve! Radio tocando: negras dos sertões negras da Bahia, Clementina e Jovelina, nortistas, caribenhas, clandestinas, negras da América Latina. Vaso sanitário sendo limpo com uma escova. Pássaro cantando. Rádio tocando: esquento a barriga no fogão, esfrio na cozinha, cuidado do filho do patrão, minha filha tá sozinha. Descarga de vaso sanitário. Rádio tocando: eu não sou da paz, não sou mesmo não, não sou, paz é coisa de rico, não visto camiseta nenhuma não senhor, não solto pomba nenhuma não senhor, não me venha pedir pra chorar mais, secou. Um grito de mulher. Uma mulher fala: eu descendo de seres humanos que foram escravizados. Cinta batendo e alguém grita: vem aqui mulher, vem aqui agora tô te dizendo. Ao mesmo tempo uma música suave começa a tocar: negra seus olhos são lindos, tens o perfume da flor. Grito: Sua negra! Você não tá me ouvindo? E a música continua: tua pele irradia magia, eh eh, negra teu nome é amor. Grito e cinta: eu estou te chamando, vem aqui agora na cozinha. Rádio toca: a baixa autoestima da dona Maria, da sua prima, sua filha e sua vizinha, isso me intriga, isso me instiga. Uma mulher pergunta: meu cabelo tá bom? Bom, bom, bom ele nunca foi né, a outra responde. A música suave retorna: em gritos de liberdade, muito se ouviu por aqui, negro liberto do açoite, oh oh, coisa mais linda eu não vi. Uma percussão lenta e arrastada. Duas gargalhadas de bruxa. A percussão acelera. A rádio toca: balangandans, pulseiras e costumes, fita no cabelo e sandália no pé. Mulheres gritam em coro: morena não, negra sim! No rádio: você não sabe quanto ser mulher é bom! Salve!

(silêncio)

28. Clarissa: Chegando então agora, aqui na nossa roda de conversa, a Silvia Duarte. (risos)

29. Sílvia: Olá, boa tarde! Super prazer tá aqui.

30. Diane: O prazer é nosso.

30. Clarissa: Tu quer te apresentar?

31. Sílvia: Meu nome é Sílvia Duarte, sou atriz, produtora cultural, coordenadora do Instituto Girassol e Diretora de Cultura da Força Negra do Rio Grande do Sul e nacional. É um prazer tá aqui, obrigada.

32. Clarissa: Seja bem vinda. Então agora nessa segunda parte do programa a gente chega mais pertinho de cada mulher que tá aqui, compartilhando seus saberes e experiências de vida.

33. Cristina: Eu queria que vocês contassem um pouquinho pra nós como vocês reconhecem o legado da escravidão na autoestima de cada uma. Pode começar com a Nô.

34. Nô: Bem, eu gostaria de inclusive que a gente pudesse pensar um pouquinho do que é isso, qual é o legado. Não somos nós que temos que responder isso. Nós que eu digo são nós mulheres negras. O legado é o racismo. E o racismo nos atinge de forma contundente, de dentro pra fora e de fora pra dentro. Rege a nossa forma de conduta nessa sociedade. E o que nós fizemos é resistir, é reafirmar a nossa forma de conduta. E, na verdade, nós não inventamos o racismo. Quem inventou é quem tem que responder essa pergunta. E quem inventou foram os brancos, as pessoas brancas, então são as pessoas brancas que tem que responder sobre o legado da escravidão. Nós não engendramos a escravidão. E então, nós viemos todo esse tempo, todo esse tempo discutindo racismo, negritude, então tá na hora de falar sobre branquitude. As pessoas tem que falar como se sentem numa sociedade racista, como é que se sentem sendo privilegiadas, porque é privilegiada em qualquer instância que esteja. Pobre, rica, classe média, periferia, centro, o tratamento é diferente, porque o racismo é direcionado pra população negra então tira privilégios, tira direitos, não é nem privilégios, tira direitos de uma população. Então quem não está nesse segmento precisa discutir como é que eu me sinto numa sociedade racista fazendo parte de um seguimento que é privilegiado, que é opressor, que impede que as políticas públicas e que a ascensão da população negra evolua. Então eu quero problematizar e que possam pensar a respeito de

legado. O legado é esse, é racismo, que interfere na nossa autoestima e não somos nós que temos que dar essa resposta. É quem nos oprime, é quem inventou o racismo que tem que dar conta dele.

(silêncio)

35. Sílvia: Eu concordo em gênero, número e grau, porque na verdade, se a gente... Essa semana a gente tava num evento do Novembro Empoderado que teve um espetáculo e depois a gente fez uma roda de conversa do caso dos artistas negros, de como eles se vêem dentro do teatro, dentro da cultura e tudo mais. E na verdade teve o Álvaro, que é um grande diretor, um grande ator negro e ele diz assim: ‘tá tudo tão naturalizado, a gente tá numa situação em que não tem negro nas peças de publicidade, nas novelas ou tudo mais e é super natural isso, pra eles é super natural. A situação do racismo tá tão naturalizada que as pessoas não se dão conta, sabe, de tão introjetado, não param pra pensar nisso’. Ele conta uma história que ele foi fazer uma peça e que convidaram ele pra dirigir e que ele disse assim, ‘só se eu puder fazer com duas atrizes negras’ e que a pessoa se chocou, e disse ‘não, pode, tudo bem’. Entende? São essas coisas... E quando ele deu palpite numa produção que ele tava: ‘não dá pra botar uns atores negros’? E as pessoas ficam assim sabe, não se dão conta, que não convivem, que não estão na sua volta, não se dão conta disso, que a gente faz parte dessa sociedade e que eles acabam reproduzindo tudo isso no seu dia a dia. E a coisa agora tá num patamar tão absurdo, as pessoas descobriram as redes sociais, que é totalmente sem nenhum tipo de punição, não existe represália. As pessoas soltaram seu ódio, soltaram seu racismo de uma maneira, se essa gente tinha a palavra que a gente achava, ‘velado’, hoje a impunidade tá ali. Eles acham que podem soltar todo o seu ódio, seu racismo, ali na rede social como se nada tivesse acontecido, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se não fosse crime tudo isso. Então a gente precisa fazer muito essa discussão, trazer muito isso pra fora, pro questionamento, pra gente não permitir isso. A gente não pode se calar diante disso. E eu concordo que quem tem que dar essa resposta do nosso legado, porque a gente sabe o que a gente construiu, qual foi a importância do negro na

construção do Brasil, de toda a construção dessa sociedade, da construção da cultura, do país em si. Agora, o legado da escravidão, eu concordo que é o outro lado que precisa responder. Como se sente esse momento, mas a gente precisa ficar principalmente muito alerta com tudo isso porque parece que a gente não tá assistindo, sabe, as pessoas declararem seu racismo, o seu ódio. Eu vejo às vezes nas manifestações pouco das pessoas fazerem o enfrentamento disso. Porque, por exemplo, a história da Thais e da Maju, vamos trazer pra cá. Todo mundo se mobilizou. Mas e com a Sílvia, e com a Joana, e com a Maria? Quem se manifesta? Quem vai pras redes sociais? ‘Eu sou a Sílvia’, né, a gente tem que pensar sobre isso porque não é só com elas que acontece, acontece todos os dias.

36. Diane: Qual história, desculpa?

37. Sílvia: A história da Majú é a seguinte. Ela é a moça do tempo da Rede Globo e de repente ela foi carismática, teve todo um, ela foi competente, ela foi diferente ao falar do tempo. Prestem atenção, ao falar do tempo, e ela foi maravilhosa. E a criatura foi dispendiada, ofendida, todas essas coisas horríveis que a gente pode imaginar, sobre ela ser negra, sobre ela ser macaca, sobre o que que ela tá fazendo ali. E agora, na semana retrasada, foi com a Thaís Araújo, porque a gente tem um seriado onde é um casal de negros, bem sucedido, não são picaretas, são trabalhadores, são artistas, e é com o seu trabalho que são bem sucedidos e que são maravilhosos e ela foi novamente tripudiada e ofendida nas redes sociais e aí dá aclamação popular. ‘Eu sou mais Majú’, ‘eu também sou Thaís’. Mas quem é Maria? Quem é a Joana da comunidade que sofre isso todos os dias? Então, claro, ela é famosa, o pessoal se sente ofendido né.

38. Silvana: Não esquecendo que o racismo mora nas sutilezas né.

39. Sílvia: Claro!

40. Silvana: Antes eu falei do texto do Jorge Furtado e não mencionei mais. O Jorge Furtado é homem e é branco. O texto dele vai circular e as pessoas vão dizer ‘Claro!’, ‘Nossa, racismo, que absurdo!’, ‘É verdade, não tem mulher negra na novela, quando tem é só a amante, quando tem, ela tá

limpando um chão’, ‘nossa, é verdade’, ‘nossa que homem inteligente, nunca tinha escutado isso!’ . E a gente tá há 500 anos dizendo as mesmas coisas. Às vezes gritando, às vezes um pouco mais cansada. E tem isso também do racismo nos despersonalizar. Voltando pra isso da gente mesmo do elenco do Charme e o Funk, quando tem uma situação racista agora lá no Departamento, as pessoas já estão mais atentas, daí perguntam, ‘o que vocês do Charme acham?’. Bom, eu Silvana Rodrigues, acho isso. Não sei o que a Camila acha. Não sei o que o Bruno acha. Porque são pessoas com histórias diferentes, trajetórias diferentes. Eu fui criada por família evangélica então eu tenho um monte de traumas que me fazem reagir ao mundo de uma forma completamente diferente. Eu tô construindo ainda todo um imaginário que foi amaldiçoado durante muito tempo na minha vida, diferente de outras pessoas que foram criadas por uma família que fortalecia sua identidade negra. Então isso de não nos verem como uma pessoa, um ser cheio de complexidade também é uma sutileza muito efetiva do racismo.

41. Nô: Eu acredito também que a gente possa valorizar as iniciativas que às vezes nem tomam a repercussão que tomam quem é da Globo. Mas a da Majú, a Articulação de Organizações de Mulheres Negras e também o Comitê Impulsor da Marcha fez vários outdoors em apoio à Majú. E também, não parabenizou, mas dizendo pra Globo que estava questionando se a Globo estava fazendo alguma modificação no seu perfil porque teve um dia do Jornal Nacional em que estava a Majú e o Everaldo. Então aquilo são coisas que nós precisamos estar sempre atentas e atentos e valorizar isso. E também uma outra iniciativa que foi feita nas redes sociais que principalmente as mulheres negras colocaram, ‘Somos Cláudia’. Cláudia foi aquela, em Madureira, que foi arrastada e morta. Então essas coisas acontecem. Na verdade, nós estamos transformando, não são só as Globais. A gente precisa valorizar as Globais, porque nos espaço fora daqueles que nos determinam, quer dizer, os papéis, fora do papel onde nos determinaram e determinam, sofrem demais, as mulheres sofrem muito. E tem muita gente que diz ‘bah, ela nem se considera negra’. Isso a gente também precisa entender, porque não é fácil gente. Tu vai escolher por aquilo que todo

mundo diz que não tem valor? Daí tu vai dizer ‘ah eu sou negra’? Então tu tá declarando publicamente que tu não tem valor. Então dá pra entender quando as pessoas não querem admitir esse pertencimento. E uma mudança de comportamento nosso não é acusando. Mas tu é sim como se fosse uma coisa ruim. Geralmente dizem, ‘não, mas não sei por que ela é toda metida, ela é negra’. Como se isso fosse uma coisa muito ruim. Então isso a gente também precisa cuidar, os nossos conceitos, que tem que ser sempre um conceito sempre de promoção, é de promover. É claro que a gente não vai esconder aquilo que a gente não concorda na pessoa, mas a gente precisa também evidenciar nos espaços em que estão que é muito importante, principalmente, pra autoestima. E aí eu digo o caso Pelé. Acho que nem a vírgula dele é preta, ele não traz, mas ele é uma referência. Imagina uma criança, ‘bah, ele é o melhor do mundo, não sei quê, mas olha pra cara dele, é preta, é a mesma minha!’. E isso faz um efeito muito bem, é a referência. Então não somos nós que precisamos fazer essa condenação que o racismo nos ensina a fazer. Porque é isso, é não querer a nossa unidade, porque como a Beatriz disse, se a gente se une a gente toma conta. Por isso que não nos deixam estudar.

(Risos)

\*\*\*



3. Coletivo Sopapo de Mulheres, 2015

*Programa de radiovisual Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*

Montagem do estúdio

Foto: Janaína Dalla Vecchia

#### 4. Visualizar falas

“A multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra.”  
Mikhail Bakhtin (1997, pg.130)

Como é possível notar, a instauração de uma zona de diálogo entre as mulheres no programa de radiovisual *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* propicia um outro tempo de fala e escuta que também abarca outros corpos, pensamentos, sentimentos e sensações possíveis. Mais uma vez uma práxis cartográfica:

o que o cartógrafo quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. Não teme o movimento, deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*. Ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua. (ROLNIK, 2006, pg. 66)

Corpo-e-língua. Corpos pulsantes e línguas falantes. Imagens sendo produzidas através das falas. Discursos sendo visualizados através das ondas do rádio. A potência da imagem inventada através da escuta do som e da palavra. Uma experiência estética de escuta e diálogo que envolve a todas as participantes.

A ativação do diálogo neste *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* aconteceu a partir de três pontos de partida: a corporeidade, a individualidade e a cidadania. Nas palavras de Milton Santos:

A corporeidade implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva; a individualidade inclui dados subjetivos, ainda que possa ser discutida objetivamente. Com a verdadeira cidadania, cada qual é o igual de todos os outros e a força do indivíduo, seja ele quem for, iguala-se à força do Estado ou de outra qualquer forma de poder: a cidadania define-se teoricamente por franquias políticas, de que se pode efetivamente dispor, acima e além da corporeidade e da individualidade, mas, na prática brasileira, ela se exerce em função da posição relativa de cada um na esfera social. (SANTOS, 2000, pg2.)



Para a formulação das perguntas, separamos o programa em dois blocos. No primeiro, perguntas que proporcionassem às convidadas falar sobre a sua atuação frente às outras mulheres. No segundo, perguntas que fizessem as convidadas falarem sobre si mesmas. Entre eles, apresentamos a peça sonora.

Sobre a prática da entrevista, Obrist (2006) acentua a necessidade da geração de arquivos e registros de entrevistas como a tomada de um posicionamento político de resistência contra o esquecimento produzido pela era da informação. No pool diário, veloz e efêmero de informações instantâneas, o registro e a publicação de diálogos dá visibilidade e afirma a existência de diferentes expressões e saberes.

Ele afirma que os diálogos são produzidos em encontros únicos, portanto efêmeros, mas não menos importantes, pois são os saberes construídos ali que estão em jogo. Produção de realidade e afirmação de existência. Em seus encontros de entrevistas, “a ideia geral não é sobre representação, mas do encontro como uma espécie de zona de performance”. (OBRIST, 2006, pg.112)

Já Eduardo Veras (2006) nos faz lembrar que se na Filosofia e na Psicanálise, a entrevista é compreendida como documento produzido a partir das recordações, da enunciação narrativa e das construções de identidade, ela é, sobretudo uma experiência social, um processo de interlocução, uma forma de construção de conhecimento. Também relembra que as práticas de arte expandem-se sem precedentes a partir da segunda metade do século XX, onde a própria categoria *visual* foi alterada, passando a compreender formas híbridas de expressão, o corpo humano, o ar, a energia, as paisagens remotas, os espaços urbanos, a intervenção em instituições sociais e políticas, todas as mídias e uma variedade de práticas textuais, incluindo os depoimentos e as entrevistas.

Isto podemos notar no livro-invenção *Vocabulário Político Para Processos Estéticos*. Ele publica vocábulos criados coletiva e individualmente por diferentes atores em encontros-oficinas facilitados pela artista Cristina Ribas

no tumultuado ano de 2013 no Brasil. A ação é entendida como uma estratégia de ativação do desejo, da aprendizagem, da produção e da intervenção, onde o trabalho de vocabular pode ser entendido como “uma ritmanalização constitutiva de processos sociais, existenciais, criativos”. Onde o que está em jogo é o embate consigo mesmo, o mapear o que se diz, como é dito e de onde é dito. Nesse processo de atenção, análise e escuta, o dito é feito

de uma posição autêntica e ética, que encontra sintonia ou produz ritmo com posições semelhantes no plano das multiplicidades. Abrem-se simultaneamente uma irremissibilidade, mas também todo um novo campo de estratégias. Fazer um vocabulário político, afinal de contas, é criar... (RIBAS, 2014, pg. 22)

O Coletivo Sopapo de Mulheres, por sua vez, cria no programa de radiovisual *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* uma zona de diálogo, um encontro que se produz em um terreno fértil e criativo, onde é possível e afirmação de novos mundos a partir da fala e da escuta. É importante relatar que não há entrevista prévia, apenas mostramos as perguntas para as convidadas antes de o programa ir ao ar. Isso é importante, pois a situação é nova para todas as participantes. Pedimos para que cheguem se possível com uma hora de antecedência, para já entrarmos em um clima de convivência e harmonia. A escolha da tarde de domingo também é proposital: no domingo estamos mais desaceleradas, mais relaxadas e por isso geralmente mais abertas, disponíveis para o encontro, para a fruição. O domingo tem um outro tempo. Este outro tempo que se instaura aparece nas pausas, nos silêncios, nas respirações profundas, nas hesitações.

E há também o canto dos pássaros, o vento, as cores e a natureza do lugar. Não é um estúdio fechado padrão. O programa acontece no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, que é um centro cultural comunitário, com paredes coloridas, pátio, área verde. O diálogo acontece com o momento-presente e é transmitido ao vivo. Somos mulheres em roda, conversando sobre um tema caro para nós, e produzimos conhecimento através dos nossos relatos. Uma roda de conversa em um espaço comunitário de resistência, em meio a todas as cores. Mas o diálogo é transmitido através

do som, mesmo na transmissão via streaming há uma imagem estática, que não nos identifica. Para provocar nos ouvintes a criação de outras imagens a partir do que está sendo enunciado, e a partir do lugar em que se está escutando. E para que não tenha nada para ser visto, o convite é para escutar em qualquer lugar, em casa, na rua, escutar em partes, deixar fluir a escuta.

Mikhail Bakhtin (1997) conceitua o diálogo como uma interação entre indivíduos socialmente organizados que produz enunciação. Para este pensador russo, ao mesmo tempo em que a palavra dirige-se a um interlocutor, ela procede de alguém, ou seja, a palavra é o produto da interação do locutor e do ouvinte, servindo de expressão de um em relação ao outro, numa espécie de ponte ou zona fronteira. Na zona de diálogo, a palavra é um *entre*.

Zona de diálogo; zona de performance. Pontes de linguagem, palavras como pontes. É nesse espaço da potência da palavra que o *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* opera. A zona de diálogo instaurada é o berço dessa potência. Quando abrimos o corpo para esse diálogo em potência, e deixamos os pensamentos e afetos se expressarem através das palavras, o conteúdo ou tema do enunciado transcende o grupo de participantes direto – aquelas mulheres específicas presentes naquela situação do diálogo do programa – e pode afetar a todos os ouvintes.

Bakhtin (1997) afirma que, se o diálogo constitui uma das mais importantes formas de interação verbal entre pessoas colocadas face a face, também pode ser compreendido como qualquer tipo de comunicação verbal, num sentido mais amplo. Daí a sua capacidade de afetação não somente entre as mulheres participantes, mas de todo um público ouvinte (que no nosso caso, chegou a mais de 600 pessoas contabilizadas pelo site do streaming) cada um a sua maneira:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais e seus domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo

daquelas que apenas despontam que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças (...). A palavra é capaz de registrar fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1997, pg. 41)

Na instauração de uma zona de diálogo no *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*, nesse ambiente criativo de compartilhamento de saberes e experiências de vida entre mulheres que vivenciam cotidianamente o legado da escravidão em sua autoestima – o racismo e a resistência – cada uma a sua maneira, estamos nos reinventando, visibilizando e multiplicando saídas singulares para o enfrentamento de problemáticas existenciais relacionadas à negritude.

Com isso, *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* colabora para a afirmação de que existem diferentes formas de viver, a partir de uma mesma condição – ser mulher e negra – que se nunca é igual, pode ser semelhante. Mas é justamente essa semelhança e essa diferença apresentadas em diálogo que podem ser inspiradoras para a criação de novos mundos, de novas formas de vida e de história: a palavra enquanto potência de criação de vida.

\*\*\*

42. Marion: Então, quando é que vocês mulheres negras lindas, maravilhosas e absolutas, se sentem violentadas ou violadas socialmente? Bia?

43. Beatriz: Quando? Ah, eu não sei... Quando eu chego no posto de saúde e não consigo ser atendida, quando eu não tenho dinheiro suficiente pra alimentar os meus filhos, quando me olham da cabeça aos pés com o olhar que diz assim 'bah, mas tu é tão pequena'. Então eu acho que todo dia tu tá sendo violentada. Então tu tem que ter muita força. E eu acredito sinceramente do fundo do meu coração que a força não tá fora. A força não vem de fora. A força vem de dentro. Foi essa força que me trouxe até aqui. Muitos amigos passaram pela minha vida e me ajudaram muito, mas sem essa força eu não taria em pé hoje. Então hoje eu sou uma pessoa forte, mas os problemas continuam né, meus filhos, uma educação de qualidade, a saúde, os mantimentos. Então tu tem que tá sempre na luta, não pode desistir não.

44. Marion: Silvana?

45. Silvana: Voltando no que eu já tinha dito antes também, às vezes eu quero negar algum estereótipo e às vezes eu quero afirmar. Depois de muito tempo tentando acessar a universidade, quando eu finalmente entrei, eu entendi como o cartão da UFRGS me abria portas e fazia pessoas em outros lugares me tratarem mais humanamente, um pouquinho mais, ainda não humana, né, mas um pouco mais do que antes. Então eu geralmente tento não me utilizar de nada que possa facilitar o agressor a justificar um bom trato ou não pra mim. Se ele vai me tratar bem, ele vai me tratar bem por eu estar com um sapato, ou um vestido, de cabelo preso ou não, e vai me tratar bem também quando eu estiver de outra forma. Eu não vou mostrar as minhas credenciais pra ser bem tratada. Mas é um exercício muito difícil porque às vezes também, nessa de, 'não você não vai me tratar porque você sabe que eu sou isso ou aquilo', também de não ocultar 'sim, eu sou isso, eu

sou uma pessoa que trabalhou, estudou tantos anos pra estudar na universidade, estou na universidade, sou uma profissional dessa área e fim, aceitem que sou'. Mas é isso, procuro não facilitar a tarefa de quem já tá pré-disposto a me olhar, nos olhar né, de forma inferior. Muitas vezes quando eu vou trabalhar, vou gravar alguma coisa, chego no set, se eu não falo que eu sou atriz, (silêncio), às vezes as pessoas esperam, sei lá o que esperam (risos), eu não faço nada, enfim. E isso foi conquistado com muito esforço da minha parte, de trabalhar nessa sutileza, sabe, eu vou deixar que tu pense sobre o que tu tá fazendo, eu não vou eu te colocar nessa situação. Nós negros, e os brancos, tem capacidade de pensar, então não vai ser eu que vou pensar, eu não vou pensar pra te explicar, tu que pense pra me entender. Eu já tive que pensar muito. Então, isso é mais ou menos o que eu tenho pensado agora.

46. Marion: Sílvia?

47. Sílvia: Como é difícil isso né? Ela falou uma coisa, sobre todas as questões, que tem um momento em que a gente se descobriu negra. Em que momento a gente se descobriu negra? Em que momento da vida tu te descobriu negra, né? Porque às vezes tu tá num processo e tu não te dá conta. E não é, o se sentir violada e violentada é em muitas coisas, muitas coisas do dia a dia. Quando tu tem que provar, porque não adianta dizer, ah eu sou uma atriz ou dar as credenciais, não só isso, mas tu tem que provar que tu é melhor ainda, e fazer um esforço. Não basta tu dizer que tu é profissional, tu tem que mostrar que tu é, e ainda é a melhor. Isso é muito complicado. Quando as pessoas, só te olham pela tua aparência, por tu ser negra, por tu ser mulher. Porque a gente ainda tem essa sobrecarga, além de negra ainda é mulher, de mulher ainda é negra, pesa mais ainda. A gente ainda sofre essas duas cargas de preconceito e de violação. É incompetente porque é mulher, é incompetente porque é negra. Então eu percebo isso há muito tempo na minha vida. Nos lugares onde eu frequento, onde eu trabalho, onde eu estudo. Isso que ela diz de chegar pra fazer um teste ou de chegar pra fazer um set pra gravar, sabe, às vezes tu pode vir maquiada e arrumada que não adianta, se tu não chegar e te identificar...

48. Silvana: E quando chega não tem maquiagem da cor da pele.

49. Sílvia: Ah, e ainda tem esse detalhe.

50. Sílvia: Sempre. Sempre.

51. Sílvia: Básico, né. Aí tu fica com aquela cara de fantasma inclusive. Bota aquela base que parece um fantasma. (risos). Ou com aquela coisa rosa, é complicado. É bem complicado. Eu vou dizer pra vocês que é no dia a dia. Eu tenho, não só comigo, mas eu tenho assistido muita violação de direitos das mulheres negras muito mais no dia a dia e eu tenho observado muito mais o dia a dia. A graduação que eu faço hoje, que eu estudo, me fez aguçar muito mais o meu olhar para isso. E aí isso, vou dizer pra vocês, dói pra caramba, dói pra caramba. E às vezes não adianta eu querer fazer o outro pensar, eu já quero pegar o outro pelo pescoço, quero dizer pra vocês, tá bem?

52. Marion: Nô?

53. Nô: Eu acredito que essa vivência de violações, de agressão, de perda de direitos acontece desde que a gente abre o olho. Acorda, tu liga uma tv, escuta um rádio, isso é a todo instante, a todo segundo, a todo o momento, é cotidiano. E isso com certeza faz efeito. A gente sempre acha que tá bem preparada, mas nos atinge. A gente sofre muito com isso. Isso nos abala. Porque toda e qualquer manifesto é esse, é pra nos tirar a humanidade. Então quando nos tiram a humanidade, realmente tiram nosso referencial, a gente perde. Quando tu atinge diretamente no nosso emocional, na nossa autoestima, e nos desmonta. Vamos dizer que a gente tá acostumada a reagir, a gente reage, a gente reage da nossa forma, ou a gente reage de forma agressiva, mas a gente leva um tempo. Não é uma coisa tão instantânea, porque o racismo é um sofrimento muito grande. Esta semana, ah, semana passada, eu tava numa correria com a Conferência de Segurança Alimentar, e tava preparando fazer uma discussão porque o lema é 'Comida de verdade no campo e na cidade', e vai fazer uma discussão sobre racismo institucional. Porque comprovadamente nas políticas públicas, o acesso às políticas, bolsa família, o acesso 73% são mulheres, destas 68% são

mulheres negras, mas diminuíram as desigualdades? Não. Mesmo com a bolsa família as diferenças entre as mulheres negras e as mulheres não negras inclusive aumentaram. Então a gente precisava fazer uma discussão a respeito do racismo introjetado e o institucional. E aí sempre vem aquelas teses extremamente qualificadas, teses da universidade, dizendo que o quanto a gente tá enganada, o quanto a gente é quase esquizofrênica porque a gente só fala a mesma coisa, tá sempre dizendo, só pensa nisso, e então na verdade o problema é nosso. Quem tem o problema somos nós. E aí eu elaborando aquilo, porque a gente não descansa né, quando a gente elabora algum trabalho, então a gente fica pensando nos momentos de descanso, ‘não, mas agora eu vou fazer tal frase, eu vou fazer tal dinâmica’. Quando eu sinto uma mão no meu ombro. Eu olho pra um lado, olho pra outro e não vejo ninguém. Daí, gente, mas quem é que tá com aquela mão, eu só vejo aquela mão! A pessoa era uma senhora, não negra, mais idosa, dizendo ‘eu tô com dificuldade nas pernas e com dificuldade de atravessar aqui a sinaleira, então eu olhei pra todos aqui, e a pessoa que pode me ajudar é tu’. Peguei a mão dela e tirei e disse, ‘acho que não, porque se tu tá com dificuldade de caminhar eu tô com muita pressa e não vou conseguir atravessar contigo abraçada em mim’. E fui. Mas eu fiquei tão furiosa com aquilo, isso me atingiu, gente! Tava assim o lado da sinaleira, a única pessoa negra ali era eu. Eu era a mucama, né, então eu voltei pra senzala. Então são essas coisas assim que é o nosso cotidiano e quanto mais a gente... Eu ía ser grosseira, porque normalmente eu sou... Mas aí eu disse não né, porque a gente perde a razão, aquele monte de branco e aí vão dizer ‘ah, sua nega’... então eu disse, ‘olha, eu tô com muita pressa’. Mas não é sempre não, que a gente tem esses momentos de lucidez porque atinge o nosso emocional. Daí a vontade é essa, de avançar e quebrar. E não somos só nós daqui do Brasil, são todas as pessoas negras que passaram por racismo, por discriminação. Eu tava na Ilha de Goré, no Senegal, onde tem um entreposto onde botavam ali as pessoas escravizadas pra depois ir distribuindo. Então tu vê assim algo que é humanamente impossível uma pessoa estar ali dentro, mas não era uma, eram várias. E tinha um grupo de mulheres dos Estados Unidos e aí quando a guia começou a explicar como é que chegavam ali, como é que



ficavam, a situação de desumanidade, ela teve uma reação tão desesperadora, porque ela foi ouvindo, ouvindo, ouvindo, daí passa um cidadão branco por ali e ela se avançou no pescoço. Ela teve um surto, ela surtou. E olha, as criaturas não conseguiam tirar, ela era a metade dele, tirar ela do pescoço dele. E ela gritava, gritava, gritava e gritava o que seus ancestrais tinham passado. E atualmente, realmente, mesmo passando por todas essas adversidades, este é o nosso legado, da resistência. O nosso legado é a resistência. Porque todos os momentos, todos, a história não conta. E somos nós, a partir do Movimento Negro, a partir do Movimento de Mulheres que trazemos a história oficial, o quanto teve resistências, reações. Ninguém fala muito do Quilombo dos Palmares. Foi uma resistência que resistiu mais de 100 anos, e assim aconteciam também, de assassinato dos patrões, dos senhores, isso ninguém conta, porque ninguém se conformava com a forma de tratamento. E aí tem algumas pessoas que diziam que era pacífico, ou dizem até que tinham donos de escravos que eram bonzinhos. Como se era bonzinho, se tem escravos? ‘Ah, mas não batia’. Então tu tá dizendo que tinha que bater. Então assim nós temos uma história onde nós estamos em absolutamente todos os espaços, todos. Da cultura, da alimentação, a gente pode não saber. E essa é a resistência, esse é o legado, a gente saber a nossa tradição. 53. Silvana: E o legado do bonzinho hoje em dia é dizer, não, ela é quase da família...

54. Nô: Ela é quase da família. Só que daí a gente não recebe nada de herança.

(risos)

55. Nô: Ela é tratada como da família, ‘almoça até e janta na mesa com a gente’, mas na herança a gente não entra. Vide os quilombolas. Olha o que é, o número que tem, e a regularização e a certificação das terras. Ninguém acha que a gente tem direito a uma terra tão boa, com valor tão alto, ‘como é que vai deixar com esse bando de nego?’ ‘Nem plantam nada, nem sabem fazer nada’, isso na ótica de cada um.

\*\*\*



4. Coletivo Sopapo de Mulheres, 2015

*Programa de radiovisual Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*

Montagem da antena

Foto: Clarissa Silveira

## 5. Uma poética radiovisual

*“(...) coloquem em uma área fechada cavalos com antolhos reguláveis: o coeficiente de transversalidade será justamente o ajuste dos antolhos.” Félix Guattari (2014, pg. 84)*

Experiências em radioarte têm sido desenvolvidas com o propósito tanto de veicular peças artísticas radiofônicas quanto de experimentar a mídia rádio como canal de comunicação de arte. Segundo a radiomaker e pesquisadora Janete El Haouli (2007), estas experiências são marcadas pela

abertura para um "novo" mundo de sons, ruídos, músicas e, conseqüentemente, para novas atitudes de escuta, levando não apenas os artistas a uma outra relação com o material sonoro mas tornando possível outras escutas e desvelamentos de materialidades sonoras e materialidades radiofônicas.  
([http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id\\_reflexao=3](http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id_reflexao=3) )

No Brasil, as experiências artísticas em rádio começam na década de 1970. Atualmente, os criadores acústicos e radiomakers híbridos encontram-se espalhados dentro e fora dos espaços institucionais, em rádios educativas e universitárias (públicas e particulares), em rádios livres, em espaços alternativos e em estúdios particulares.

Janete El Haouli chama a atenção para a característica intrínseca da criatividade investigativa deste fazer híbrido, que ultrapassa as especializações em áreas do conhecimento para encontrar na mídia rádio um espaço de improvisação e de criação, um lugar de escuta pensante que transmita a diversidade cultural brasileira.

A diversidade cultural e da natureza, a multirracialidade, o contraste social, as centenas de sotaques, as diferentes identidades e formas de viver, as várias necessidades e desejos compõem o mosaico sonoro de um país que se afeta, se impressiona e por vezes aceita como seu o que o mundo produz de pior ou de melhor. Um país que procura com dificuldade afirmar a pluralidade, assumir as suas várias temporalidades e entender as inúmeras sociedades que coexistem, convivem e formam o Brasil.  
([http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id\\_reflexao=3](http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id_reflexao=3) )

É esta soma da diversidade cultural com o hibridismo de práticas que impulsiona o desejo de investigar outros modos de organização do discurso sonoro, através da criação de outros conceitos de rádio e de sonoridade no

rádio. E principalmente, o desejo por “novos modos de escuta, novos modos de ser, novos leques de afetos e novas formas de expressão”.

Nesse sentido, por exemplo, a 7ª Bienal do Mercosul: *Grito e Escuta* trouxe à tona a questão da comunicação multidirecional entre o artista e o mundo. Considerando o artista como um ator social e constante produtor de um sentido crítico necessário, aquela Bienal chamou a atenção para a diversidade de possibilidades da relação entre arte e política hoje. Fizeram parte das mostras

desde o artista que realiza uma ação para provocar uma transformação ou impacto concreto sobre a realidade, até o artista que promove a atitude reflexiva e a escuta do seu entorno, que resgata o poder da conversação como modelo possível de construção de uma sociedade melhor. (NOORTHOORN E YÁNEZ, 2009, pg. 24)

Um dos projetos daquela Bienal, a *Radiovisual*, com curadoria de Arthur Lescher e Lenora de Barros (2009), se propunha a ocupar as fisicalidades sutis da cidade, como o ar, o espaço sonoro, e os meios de comunicação, através da concepção de um centro de geração, captação e irradiação de formas e conteúdos produzidos no evento ou fora dele.

Na ocasião, foi criado o programa *Radiovisual 22:04:33*, veiculado diariamente pela estação de rádio FM Cultura 107.7 em Porto Alegre. O programa, inspirado no artista John Cage, era movido pelos temas de reflexão das mostras e trazia entrevistas com artistas, descrições de trabalhos, peças sonoras, trilha sonora própria, vinhetas, entre outros. A proposta do programa era ser um excitador de frequências da 7ª Bienal do Mercosul, pois foi transmitido na rádio pública FM Cultura e também via web.

No pavilhão onde estava locada, a *Radiovisual* também possuía um estúdio de gravação dos programas com paredes de vidro, onde o público podia assistir ao vivo aos programas sendo planejados e gravados. Havia também uma instalação em frente ao Rio Guaíba, com uma arquibancada com fones de ouvido, que veiculavam as 124 peças sonoras especialmente criadas por artistas convidados pelo projeto.

O programa de audiovisual *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* também propõe navegar esteticamente nas ondas do rádio. Parte do atribulado cotidiano das grandes cidades, totalmente preenchido pelos sons e ruídos produzidos que ensurdecem e limitam a percepção das pessoas. Propõe alcançar o silêncio e a pausa para a escuta atenta como um exercício poético, que requer a abertura e a disponibilidade dos corpos para a experimentação da diferença. Esta edição é composta por uma peça sonora, fruto do processo criativo coletivo do Sopapo de Mulheres que, interagindo esteticamente com o tema da autoestima da mulher negra, buscou sons que o acionassem primeiramente nos corpos das artistas. Propôs instaurar ao vivo uma zona de diálogo onde foram visibilizadas diferentes experiências de vida de mulheres negras. Entende que o próprio tema *Mulheres Negras* é um ruído, uma sonoridade fora de foco, uma questão fora do debate, que aqui foi sintonizada, amplificada, difundida.

O programa também tentou ser veiculado ao vivo na Rádio Quilombo do Sopapo 94.5 FM, uma iniciativa em ondas livres. Tentou e não conseguiu porque o transmissor de 25Watts de potência, que teria alcance médio de um raio de 500 metros no entorno do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, queimou assim que foi ligado. Então, transmitimos o programa apenas pelo canal de streaming <http://www.ustream.tv/channel/radioquilombodosopapo>.

É por causa disso também que encontramos novamente ressonância no pensamento de Janete El Haouli (2007) quando afirma que

é esse sentimento de incompletude, de coisa inacabada, que nos leva a improvisar, a criar. Apesar da precariedade e da falta de condições técnicas e operacionais, é preciso investir e realizar projetos que propiciem ações criativas e inventivas no rádio. [http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id\\_reflexao=3](http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id_reflexao=3)

Como já foi dito, o *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* é uma invenção. Há algo que pulsa para o qual damos vazão. Para que o programa aconteça, nos encontramos uma vez por semana durante dois meses. Compartilhamos e discutimos materiais de pesquisa diversos, incluindo músicas, textos, vídeos e experiências de vida. Não há remuneração, então temos que exercer outras atividades remuneradas que nos consomem tempo e energia. O Coletivo Sopapo de Mulheres serve também como nutrição e fortalecimento pessoal

de cada uma, enquanto mulheres, nas outras frentes de atuação que exercemos.

Para a criação do programa, escolhemos o tema, o recorte do assunto, mergulhamos. Escolhemos sons, captamos os sons, decupamos, criamos o roteiro da peça sonora e a editamos. Escolhemos entrevistadas e criamos o roteiro da entrevista. Criamos também o roteiro do programa, escolhendo um texto de abertura, a ordem das perguntas, quando a peça sonora será apresentada, um texto para finalização do programa. Para ele ser transmitido, é necessária a revisão e testagem prévia dos equipamentos, a montagem da antena e dos equipamentos de transmissão e gravação no dia. Após o programa acontecer, todo o equipamento é desmontado e guardado. Não há um estúdio de rádio pronto, há uma rádio inventada.

Esta questão da precariedade está diretamente relacionada à democratização dos meios de comunicação no Brasil. Pautada há alguns anos pelos profissionais da área da comunicação vinculados às pequenas mídias e por movimentos sociais defensores da democracia, se compreende que este é um elemento essencial para uma sociedade que se pretende democrática. As rádios comunitárias, por possibilitarem que quaisquer pessoas das comunidades participem,

falam sobre assuntos locais, que dizem respeito à comunidade e que não são noticiados em emissoras comerciais. Assim, são capazes de mobilizar a população a buscar melhorias na qualidade de vida, formando identidade coletiva (...). Através das rádios comunitárias, pessoas e vozes que dificilmente são ouvidas nas redes comerciais tem espaço para suas manifestações. (GIRARDI E JACOBUS, 2009, pg. 10)

A rádio comunitária somada a radio arte, neste contexto, exerce papel importante na defesa das identidades populares, da manifestação da cultura urbana e ao direito à comunicação. *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* estabelece uma comunicação direta com as comunidades em situação de vulnerabilidade social do entorno do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, que são excluídas e estigmatizadas pelos principais meios de comunicação, e que vivenciam em seu cotidiano, problemas relacionados à regularização fundiária e à privação de direitos básicos, o que compromete seu pleno exercício da cidadania. Com o resto da cidade, o programa transversaliza e

amplia o diálogo: quem dá seus depoimentos são mulheres negras que vivenciam a condição da negritude a partir de diferentes classes sociais, áreas de atuação e faixas-etárias, tendo ou não relação direta com essas comunidades do Cristal. Mas sobretudo, são mulheres negras, mais do que sobreviventes, guerreiras.

Com a palavra, Denise Flores, do Coletivo Sopapo de Mulheres:

Vemos o poder dos meios de comunicação e sua influência na vida de cada um, o que nos denota responsabilidade em relação aos assuntos a serem abordados. Queremos dar acesso às informações de maneira consciente, ativa e autoral, para o crescimento e fortalecimento das mulheres e das melhorias necessárias para as comunidades do Bairro Cristal e da cidade de Porto Alegre/RS como um todo.

É possível perceber que, se o programa *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* opera transversalmente em diferentes territórios do conhecimento: arte, comunicação, política, feminismo, africanidades, a escrita de sua poética audiovisual também aponta múltiplas questões igualmente transdisciplinares, como o encontro, a situação, a emergência, o momento-presente, o efêmero, o diálogo, a palavra, a criação de narrativas e a geração de documentos e arquivos.

Além disso, este trabalho de conclusão de curso traz para um contexto acadêmico uma experiência estética onde a sabedoria popular aparece unida à especialização do conhecimento, uma vez que são diferentes mulheres com diferentes experiências e práxis que se põe a dialogar numa condição de horizontalidade circular propiciada pela roda.

Aliás, o programa põe em prática uma sabedoria ancestral, que é o colocar-se em roda para conversar e produzir conhecimento e história entre mulheres. Este conhecimento produzido em roda ainda opera uma outra questão, que é a da afirmação da sabedoria ancestral dessas mulheres afro-brasileiras.

No momento em que se visibiliza a necessidade de sua expressão através do tambor, da resistência de cada uma dessas mulheres negras como um ser único e complexo e não simplesmente “a negra”, e de suas lutas pela tomada de poder em diferentes instâncias da organização social e, portanto, de

combate ativo e diário ao racismo, não estaríamos aqui realizando uma quebra epistêmica descolonial, como afirma Walter Mignolo?

A mudança radical introduzida pela “versant decolonial” se move, se desconecta da ideia ocidental de que as vidas humanas podem ser descartadas por razões estratégicas e da civilização da morte (comércio escravo massivo, fomes, guerras, genocídios e eliminação das diferenças a qualquer custo (...)), em direção a uma civilização que encoraje e comemore a reprodução da vida (não, é claro, em termos de ter ou não direito ao aborto), mas a comemoração da vida no planeta, incluindo organismos humanos que têm sido “separados” da natureza na cosmologia da modernidade europeia. (MIGNOLO, 2008, pg.316)

Para o autor, a opção descolonial está acontecendo em determinados lugares, mas em escala global, justamente pela razão de que a lógica do colonialismo (capitalismo, formação de Estado, educação de universidade, informação e mídia como mercadoria) continua nivelando o restante do mundo.

Fica claro que tanto o programa *Ruídos Urbanos: Mulheres Negras* quanto a escrita de sua poética audiovisual aparecem transdisciplinarmente em uma zona de fronteira. Fértil, imprecisa em seus limites, ao mesmo tempo de todas e de ninguém. Efêmera, pois seus habitantes – conceituais ou físicos – estão em trânsito, arranjando-se em constelações em movimento, ocupando uma duração no tempo e no espaço que se finda. E por tudo isso, poética, pois, é pura invenção.

Este escrito apresenta algumas das camadas da zona de diálogo que esta poética habita: das integrantes do Coletivo entre si e com o tema; do tema com os sons do cotidiano; do Coletivo com as convidadas; do contexto da produção e veiculação do programa. E tantas outras poderão ainda ser percebidas pelos leitores e pelos ouvintes.

\*\*\*



56. Clarissa: Então nessa frente de resistência e atuação que todas estão compartilhando aqui, a gente gostaria que vocês nos contassem quando é que é que vocês se sentem protagonistas? Quando é que vocês estão protagonizando essa resistência e essa transformação?

57. Nô: Nós somos protagonistas da nossa história porque nós é que contamos. Nós com certeza em relação ao enfrentamento do racismo precisamos de parceria e isso a gente está construindo. Tem pessoas, mulheres, homens, não negros, que estão junto conosco porque vem pensando num mundo melhor. E se agente quer um mundo melhor é evidente que a gente quer um mundo melhor pra nós e viver numa sociedade racista não é bom pra negros e brancos. É muito ruim. Então esta parceria é imprescindível. Fazer essa construção e esse é o nosso protagonismo. Visibilizar a situação das mulheres negras principalmente. Bem, a Marcha, que é pra todas as pessoas, é um protagonismo das mulheres negras. São as mulheres negras que estão à frente. E muitas outras mudanças também. Aliás, políticas públicas, estar em movimentos da sociedade civil, estar em organizações da sociedade civil, porque às vezes a gente pode não só falar, 'ah, mas eu não sei muito bem', mas estar ali já é uma resistência, já mostrando nossa cara preta, o nosso protagonismo. Porque a gente reproduz alguma coisa, mas tem um momento em que a gente diz 'não, não é assim, a minha avó não fazia assim, a minha mãe não fazia assim', então eu tô trazendo esta importância que é da minha família, não aquela que é construída como a importância. Então este é o nosso protagonismo, dar visibilidade à nossa história.

58. Sílvia: E acho que sair dessa invisibilidade, dar visibilidade, é principalmente a participação. A gente saber o quanto é importante. Ninguém nasce sabendo. A gente vai às vezes pra uma assembléia, pra uma reunião, mas a partir do momento em que tu tá lá escutando, tu não sabe nada, mas tu já sai dali com algum conhecimento, alguma coisa tu absorveu

daquilo ali. E aí amanhã numa próxima tu vai saber do que tu tá falando, tu vai sair daquela reunião e vai pra tua comunidade e vai pro teu local de trabalho e vai visualizar aquela situação. Então a participação, se reconhecer como sujeito de direito, e participar das decisões da sociedade, onde te é importante, onde te é caro, a gente precisa participar das decisões. É extremamente importante, é onde a gente pode fazer valer tudo isso né. Ontem nessa roda de conversa alguém perguntou, um ator branco que tava na plateia, ele perguntou se a gente pensa em fazer personagens que não fossem da cultura negra. Aí o Gil Colares disse assim, ‘é, mas a gente tem uma resposta’, que foi dada pra ele porque ele fez essa pergunta um tempo atrás, ‘é, mas não dá pra um branco fazer o Zumbi dos Palmares né?’. Se a gente não fizer o que é da nossa cultura, quem vai fazer? Quem vai fazer? Quem vai fazer Zumbi? Quem vai fazer Dandara? Quem? Então é nesses campos, a nossa participação, buscar o que é nosso de direito e fazer valer nossos direitos é onde a gente se faz protagonista. Começar a tá presente mesmo.

(Silêncio)

59. Bia: O que mais eu posso falar? Eu concordo, e realmente eu acho que estar à frente, descobrir a nossa história, da onde viemos e porque estamos aqui. E saber quanta luta a gente já passou, já passaram pra gente chegar até aqui. Então eu acho que os meus filhos tem que saber disso, pra que eles passem pros filhos deles, e nunca se esquecer do quanto tivemos que sofrer pra chegar até aqui. E continuar lutando pra ter mais reconhecimento, porque temos direito de estar aqui, e é isso que eu penso.

60. Silvana: Me veio uma imagem sobre o nosso protagonismo. A gente é como se sempre fosse Natal, e a gente tivesse na Voluntários da Pátria querendo comprar um presente pra uma criança. Aquela rua fervendo, um monte de gente batendo, e a gente vai, e vai, comprar um presente. A gente vai. Vai ter obstáculo, a gente vai. A gente está sempre lá, sempre lá. Tem um trabalho que eu comecei em 2011 ou 2010 que o nome é ‘Estatística Neg(r)a’, com o r entre parênteses porque a estatística nega, ‘Onde eu

estiver sempre haverá uma negra, sempre haverá uma'. E o meu trabalho era só continuar vivendo as coisas que eu vivia, nas palestras que eu ia, nas aulas que eu ia, nos espetáculos que eu ia, e fazia aquela olhadinha básica: onde tem outra pessoa negra que não seja o segurança, que não seja o porteiro? E quando era só o segurança, ou só o porteiro ou a pessoa que estava limpando, assinalar também. E fui criando essa lista. Depois me deparei com estudos e as questões do colorismo e dei uma parada no meu trabalho, porque eu fiquei pensando, meu deus, e agora, a questão da autodeclaração, será que eu tô dizendo que a pessoa é negra e ela não é negra, daí parei ali. Mas é isso, eu acho que a gente tem que estar nos espaços, eles vão ser muitas vezes desanimadores, mas se encontrar outra pessoa ali pra se sentir forte e não dar as costas, porque todos os espaços nos são de direito, mesmo que tentem nos negar. Então a gente tem que tá.

\*\*\*



5. Coletivo Sopapo de Mulheres, 2015  
*Programa de radiovisual Ruídos Urbanos: Mulheres Negras*  
Foto: Janaína Dalla Vecchia

## 6. Um diálogo com outra cidade

*“As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala.” Mikhail Bakhtin (1997, pg.42)*

Por fim, não poderia encerrar este trabalho sem contextualizar o nascimento do Coletivo Sopapo de Mulheres e do programa de audiovisual *Ruídos Urbanos*. O ano era 2013. Ano emblemático em que as ruas do Brasil foram tomadas pelo povo. O movimento de reivindicações iniciou em janeiro, tendo como protagonista a capital gaúcha e sendo encabeçado pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público. As pautas sociais se unificaram em torno da reivindicação pelo não aumento das passagens de transporte público anunciadas pela prefeitura. (<http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>)

Segundo a retrospectiva do Jornal Sul21, gradualmente, a população foi se somando às manifestações, que em abril já somavam cinco mil pessoas em marcha nas ruas de Porto Alegre exigindo a diminuição da tarifa de ônibus, finalmente conquistada junto à Justiça. Em maio, a próxima manifestação foi em relação ao corte de árvores na Orla do Guaíba para a realização da duplicação da avenida, já relacionada às obras de melhorias da infraestrutura para a realização da Copa do Mundo 2014.

A matéria jornalística afirma que a truculenta resposta da polícia militar à manifestação em relação ao corte de árvores deu vazão ao aumento de manifestantes, de manifestações e da violência policial que viriam a seguir. Em Porto Alegre, as manifestações em junho alcançaram 20 mil pessoas nas ruas, e culminaram com a ocupação da Câmara Municipal de Vereadores

pelo povo, no início de julho. Foram oito dias de ocupação organizada pelo Bloco de Lutas, que somente findou com a elaboração de dois projetos de lei pelo Bloco, um do passe livre para estudantes, desempregados, indígenas e quilombolas; e outro determinando a abertura das contas das empresas que operam o transporte público. Os projetos foram protocolados por vereadores do PSOL e do PT.

As manifestações tomaram corpo em todas as capitais e outras cidades do país, e o movimento Passe Livre unificou as pautas sociais em nível nacional durante aquele ano. De forma pacífica ou mais radical, como propunham os Black Blocs, estavam juntos nas marchas desde os movimentos sociais aos cidadãos agrupados por amizade, e o fato é que as bandeiras estavam lado a lado: a luta pela moradia, a luta contra a criminalização dos movimentos sociais, a luta contra a homofobia e pelos direitos da mulher, a luta contra a corrupção, a luta contra a realização da Copa do Mundo 2014, a luta contra o fascismo. A intenção aqui não é fazer uma análise de conjuntura, mas sim trazer um pouco do clima em que estava mergulhada a cidade de Porto Alegre e o Brasil como um todo no ano de 2013, uma vez que

a complexidade de conjuntura das ruas e dos diversos grupos, coletivos e indivíduos que constroem as manifestações e criam resistências através de discursos e ações supera qualquer breve contextualização. (MONTEIRO, 2014, pg 54)

Um dos grupos que emergiu neste contexto foi o Coletivo Sopapo de Mulheres. Relacionando os temas mulher, arte e mídia, o Coletivo inventou o programa de radiovisual *Ruídos Urbanos*, que foi ao ar pela primeira vez somente em 2014.

O local foi o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, que está situado no bairro Cristal, em Porto Alegre/RS. Desde 2008, este espaço cultural comunitário busca desenvolver ações que integrem arte, cultura, cidadania e economia solidária, estimulando a construção de uma cultura de não-violência na região. Tem como foco a produção cultural local, promovendo intercâmbio entre linguagens culturais e artísticas que resultem numa rede

de articulação das diversas manifestações culturais. O público alvo é oriundo das comunidades em situação de irregularidade fundiária da região do Cristal, em Porto Alegre/RS e as atividades são públicas e abertas aos demais interessados. (<http://quilombodosopapo.blogspot.com.br/>).

O Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo é também um importante agente cultural que participa intensamente da construção das políticas públicas da cultura, principalmente em relação à criação da Lei Cultura Viva nos âmbitos nacional (Lei nº 13.018), regional (Lei 410/2013) – ambas sancionadas em 2014 – e municipal, ainda inexistente (<http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1>). Entende a cultura como um direito, assim como tantas outras questões sociais trazidas pela comunidade que frequenta este espaço cultural. Desde 2012, o Quilombo do Sopapo foi um importante articulador político dos movimentos sociais Chave Por Chave e Comitê Popular da Copa.

Em tempo: A Copa do Mundo 2014 foi um megaevento realizado no Brasil, distribuído em algumas capitais, que sofreram intervenções em diferentes níveis em seus territórios. Para a realização do megaevento, a FIFA (organizadora) exige alguns pré-requisitos para o pleno desenvolvimento das atividades, como alteração das vias urbanas, medidas de segurança e policiamento, novos estádios, entre outros, criando inclusive um território com regras próprias nas regiões dos estádios (Território da Copa). As cidades podem até se beneficiar com as obras, mas nem toda a população está de acordo com a maneira como elas são executadas. Por isso a criação do Comitê Popular da Copa, que tem por objetivo acompanhar e denunciar as violações de direitos promovidas pelo megaevento.

O Movimento Chave por Chave, por sua vez, reivindica (porque ainda não conquistou) a construção de moradias para as famílias removidas em função das obras do Projeto Integrado Sócio Ambiental (PISA) e das obras de infraestrutura para a Copa do Mundo 2014 em Porto Alegre/RS. Uma das regiões atingidas é a Glória/Cruzeiro/Cristal, que vem sofrendo um violento processo de higienização social, com a remoção de famílias de seu território

também em função da especulação imobiliária. As comunidades dali vêm resistindo e lutando por sua permanência, e o movimento Chave Por Chave é uma expressão disso. (<http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com.br/2012/04/moradores-atingidos-pelas-obras-da.html>)

Pois bem, naquele ano de 2013, o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo participou ativamente da organização de uma das marchas, que trocou o centro da cidade pela Vila Cruzeiro, na região Cristal, dando ênfase à bandeira do Chave por Chave. A marcha teve adesão de cerca de duas mil pessoas. Simultaneamente, o Quilombo do Sopapo seguia sediando atividades culturais e artísticas, contempladas ou não em editais públicos de fomento à produção cultural.

Em 2013 foi lançado o Edital “Mulheres nas Artes Visuais” pelo Ministério da Cultura/Governo Federal, abrindo-se a possibilidade da criação de um novo projeto pelas mulheres trabalhadoras do Ponto e que corroborava o desejo por um trabalho sob a perspectiva do recorte de gênero. Sabíamos que seriam centenas de trabalhos relacionados às práticas tradicionais da arte, como a fotografia, a escultura, publicações, etc. Precisávamos inventar algo novo e suficientemente criativo para ter chance na concorrência. Como estávamos pela primeira vez nos reunindo para nos pensarmos coletivamente enquanto artistas mulheres foi necessário construir também o nosso entendimento sobre arte.

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade.(...) Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade. (BAKHTIN, 2011, pg. XXXIII)

Em nossos encontros, o primeiro entendimento coletivo foi de que há arte em práticas cotidianas não instituídas como práticas de arte. Cuidar da casa, cozinhar, cuidar dos filhos, trabalhar, sobreviver à violência exige criatividade e inventividade das mulheres. Ao passo que, se podemos entender enquanto práticas de arte, os desafios que se apresentam cotidianamente em nossas vidas, no sentido criativo das novas soluções ou



atitudes que eles solicitam, podemos também ser inspiradas pelo cotidiano para criar outras práticas de arte. “Sim, mas onde é que nós temos essa arte? – diz a vida – Nós temos a prosa do dia a dia.” (BAKHTIN, 2011, PG.XXXIII)

Naquele momento, estava sendo concluída a sala da Rádio Sopapo. Estávamos impregnadas pelos momentos coletivos de mutirão de bioconstrução da rádio. A possibilidade da rádio comunitária embalava novos sonhos de lutar pela democratização dos meios de comunicação que deturpavam o momento político do país, pois a grande mídia apoiava claramente a criminalização dos movimentos sociais realizada pelas práticas truculentas das polícias durante as manifestações de 2013.

Estávamos de corpo aberto e escuta atenta. Revisitamos nossas vivências. Estávamos disponíveis para a instauração de um processo coletivo criativo. O momento político, o lugar da ação e o desejo das participantes por novas práticas de arte estavam vivos e pulsantes. A minha experiência anterior como mediadora da 7ª Bienal do Mercosul Grito e Escuta, na qual havia um projeto de radiovisual, trouxe a tona a possibilidade da materialização da primeira invenção do Coletivo: o programa de radiovisual *Ruídos Urbanos*.

Não ganhamos aquele edital, mas ganhamos outro no âmbito da Secretaria Estadual da Cultura do RS no ano seguinte. Realizamos cinco edições do programa entre 2014 e 2015, que foram ao ar via internet e pela Rádio Quilombo do Sopapo dial 94.5 FM. Seguimos em frente e realizamos outras edições sem remuneração. O desejo de continuar a criá-lo segue nos movendo.

\*\*\*

61. Diane: Então tá né. Tô aqui me segurando pra não chorar um pouco. A gente tá chegando ao final do nosso programa e aí eu gostaria de agradecer a presença de cada uma das nossas convidadas. E aí eu faço uma última pergunta que é qual é o sonho de vida de vocês? E aí vocês já podem aproveitar e dar os seus recados. Vou passar pra Nô.

62. Nô: Eu acho em relação a sonhos, são muitos né! (Risos) Isso é um grande sonho. Eu, na verdade, como dizia e diz o falecido Gonzaguinha, eu acredito é na juventude. E acredito nas mulheres negras. As mulheres negras jovens estão poderosas, me representam em absolutamente tudo. E é isso, o sonho é estar nos espaços de poder e de decisão. E isso com certeza modifica, modifica a nossa vida, modifica o país, modifica a nossa situação. E também contar com as parcerias. Acho que é extremamente importante o que está acontecendo aqui, este programa, porque isso muda. Porque quem ouve e quem sabe que tá aqui a Beatriz, a Diane, que tá a Cris aqui, que tá a Sílvia, 'se ela tá lá eu também posso'. A Silvana, 'então se ela foi, eu também vou'. Eu sei, porque a gente tem inclusive uma experiência disso, de colocar um cartaz que é uma coisa que em Maria Mulher a gente fazia, quem ligada à organização entrasse no vestibular, uma faixa imensa. 'Mas quando ele era meu colega ou quando ela era minha colega, eu tirava nota mais alta que ela, como tá na universidade e eu não? Ah, então eu vou!' Então, por isso que a gente tem esse slogan, 'Quando uma sobe puxa a outra!'. Porque o puxar é isso, é estar com esta imagem. É ao mesmo tempo estarem aqui, se vocês tem um número considerável de mulheres negras aqui, é evidente que as outras vão pensar, 'se ela tá lá eu também quero tá, eu também posso tá'. E também achar que sempre a gente tem contribuição de cada uma e de cada um também. A gente precisa aproveitar, se reconhecer em relação a isso e conseguir separar as questões de individualidade e pensar o quanto nós podemos aproveitar o que tem de cada uma pro enfrentamento ao racismo. E quero agradecer o convite da

Diane. A Diane foi muito contundente na vida das Marias mais velhas e também das mais jovens, porque teve uma atuação muito, muito do que se chama muito forte, de reivindicar. A gente sabe o quanto tem consequências em relação a isso, quando uma mulher negra é poderosa, então a gente precisa calar, abafar, não só entre mulheres, mas também entre mulheres negras. Mas é imprescindível que a nossa voz não seja abafada, não seja calada, que a gente cale e abafe nos momentos estratégicos, mas que volte com todo vigor. E que esse programa que fala sobre gênero, raça, ele aconteça de janeiro a janeiro, que a gente possa falar de negritude, que a gente possa falar de branquitude, e que as mulheres negras possam vir ser convidadas pra falar de ervas, de plantas, de medicina, de educação, não só em novembro, mas em todos os meses, não só sobre mulheres negras, mas todos os temas, que nós somos capazes e estamos provando isso, que nós somos excelentes em todas as atuações. E como seres humanos que somos, tem algumas que são um pouco mais, outra um pouco menos, mas somos aquelas que estamos em absolutamente todos os espaços. Muito obrigado, eu estou sempre à disposição, é um tema que gosto muito de falar, sobre mulheres negras, sobre a população negra, e claro que em especial das mulheres negras. Tenho muito orgulho de pertencer a um segmento que tem tudo, absolutamente tudo, música, cultura, onde é base pra outras, temos as relações de educação, que também é base para todas as outras formas de educação, temos a nossa ancestralidade. E é isso que precisamos conhecer, a nossa história, a nossa ancestralidade. Então eu quero agradecer o convite da Diane e quero homenagear aqui em nome desse reencontro com a Beatriz, que pra mim, as mulheres que passaram por Maria Mulher, as mulheres da Cruzeiro, eu me emociono muito com isso, porque são elas, e foram elas que me levaram a fazer discussões a partir daquilo, da voz e da vez delas, de me instrumentalizar através de leituras, de participações. Eu lembro quando eu cheguei em 99 aqui na Cruzeiro falando sobre violência e alguma me disse, 'Não, ele não é violento comigo, ele não me tira sangue'. Eu lembro que eu sapateava tava sendo quase mais violenta que o companheiro com elas! Mas como que isso não é violência? 'Não, pra mim não é'. E a partir daí eu comecei a discutir e a estudar. Era o meu ponto de vista, como é que

eu queria impor? Pra ela não era! Então a gente começou a criar outros conceitos junto. Então é isso, eu aprendi. Pra mim esse bairro é extremamente caro, e é caro, principalmente por isso que querem tirar a população daqui por que economicamente também é, e é por isso que querem tirar as pessoas negras daqui. Mas é muito caro afetivamente porque fez e faz com que eu possa entender de uma outra forma, ter um outro olhar em relação às pessoas, em relação à vida, em relação à mim mesma, a partir deste exemplo. Eu tenho certeza de que eu não passei quase nada, mas o que eu aprendi com essas mulheres é a minha formação. Obrigada Beatriz, muito obrigada!

63. Beatriz: Eu que agradeço.

64. Sílvia: Depois que a Nô fala a gente fica emocionada, fica difícil, eu sou fã. Bem, o que eu queria dizer pra vocês, que sonho realizado, eu acho que esse programa é um sonho realizado. Sonho realizado é o Novembro Empoderado, é um sonho realizado. Os espetáculos com atores negros é um sonho realizado. Uma senhora de 65 anos negra olha pra mim e diz 'já tô matriculada, vou voltar a estudar, chega de vagabundagem!'. Ai eu digo, 'meu deus, ganhei meu dia, ganhei meu ano, sei lá quantos anos eu ganhei com a fala dela, quando ela olhou pra mim e me disse isso'! Quando a gente vai pra qualquer espaço em que a gente nos enxerga, se identifica ali naquele momento, isso é um sonho realizado, um passo a mais, é um degrau a mais que a gente consegue sim. E eu queria agradecer, agradecer e dizer uma poesia a essas mulheres maravilhosas, que é uma poesia que fala essencialmente da mulher. Fiquei pensando entre duas, uma que fala da mulher negra e outra que fala das mulheres em geral e eu vou falar das mulheres em geral homenageando todas vocês. 'Ei moço, cuidado com ela. Há de se ter cautela com essa gente que menstrua. Imagine uma cachoeira às avessas? Cada ato que faz o corpo confessa. Cuidado moço, às vezes parece Hera, parece erva, cuidado com essa gente que gera. Essa gente que se metamorfoseia, metade legível, metade sereia. Barriga cresce, explode humanidade, e vai pro lugar que é o mesmo lugar, e aí é que está. Homem, cada palavra dita, reflita, sua boca maldita não sabe que vai parar no mesmo

planeta panela. Acostumada a ver por dentro, transforma fato em elemento. Refoga, ferve, frita e ainda sangra tudo no próximo mês. Cuidado, moço, porque eu sou muito sua amiga e vou lhe falar a vera. Conheço cada uma além de ser uma delas. Não vá sem ser convidado, ou sem os devidos cortejos. Muitas vezes na fonte de um beijo já se encontra a cidade secreta, a Atlântida perdida. Outras vezes, várias metidas, mais se afasta dela. Cuidado moço, por que você tem a cobra entre as pernas cai na condição displicente diante da própria serpente. Ela é uma cobra de avental. É da poeira do cotidiano que a mulher extrai filosofia, cozinhando, refogando, e você vem com a mão no bolso questionar a arte do almoço? Eca! Você, que não sabe onde tá a sua cueca? (Risos) Ah, meu cão desejável, tão acostumado a rosnar, ladrar, latir e esquece de morder devagar, e esquece de saber dividir. E quando quer ofender chama de vaca ou galinha. O que você tem pra falar da vaca e da galinha? São duas dignas rainhas do mundo daqui! Vaca e galinha não ofende, vaca e galinha enaltece, comparando rainha com rainha, óvulo, ovo e pensa que tá ofendendo, que tá falando palavirão imundo! Tá não homem, tá citando o princípio do mundo!’ Obrigada. Elisa Lucinda. (Palmas) Cantora negra, sim.

(Palmas)

65. Silvana: Eu vou agradecer também. Sonho? Meu sonho é... Sei lá. É mais encontros como esse, extremamente empoderadores. Sou tão admiradora da Sílvia, da Nô, agora conheci a Bia, vocês todas aqui. É um momento extremamente importante, que a gente possa proporcionar esses momentos, principalmente pras crianças, porque se as crianças crescerem sabendo do seu valor, sabendo, enfim, de todo o seu valor, talvez seja mais fácil no futuro, pra que não passem por tantas coisas que nossos antepassados passaram, que a gente passa, pra construir um amanhã melhor. Muito obrigada.

66. Beatriz: É, quando eu era mais jovem, eu me sentia meia solta na vida, sabe? Meia perdida. Eu não entendia, mas hoje eu entendo. Então hoje eu sei que dentro do meu coração eu sempre procurei aquilo no que me agarrar

né. E eu acho que esse é o objetivo de todo mundo, ter no que acreditar. Então o meu sonho, chega a doer assim, sabe, pra ver realizado, é ver todos aqueles piá que tão lá no morro, perdido nos beco, sentado numa roda, e ouvindo aquilo que eu não ouvi. Os piá lá solto, criancinha pequena, correndo no beco, sem nada em que acreditar. Então, meu sonho é ver eles assim numa roda aonde eles escutem a sua história. A história do nosso povo negro. Pra eles ter orgulho e saber que somos uma nação, que a gente tem que amar o que somos, dar valor pro nosso povo. É esse o meu sonho. Obrigada.

(Silêncio)

67. Marion: Somos 49 milhões de mulheres negras, isto é, 25% da população brasileira. Estamos em Marcha: pelo fim do femicídio de mulheres negras e pela visibilidade e garantia de nossas vidas; pela investigação de todos os casos de violência doméstica e assassinatos de mulheres negras, com a penalização dos culpados; pelo fim do racismo e sexismo produzidos nos veículos de comunicação promovendo a violência simbólica e física contra as mulheres negras; pelo fim dos critérios e práticas racistas e sexistas no ambiente de trabalho; pelo fim das revistas vexatórias em presídios e as agressões sumárias às mulheres negras em casas de detenções; pela garantia de atendimento e acesso à saúde de qualidade às mulheres negras e pela penalização de discriminação racial e sexual nos atendimentos dos serviços públicos; pela titulação e garantia das terras quilombolas, especialmente em nome das mulheres negras, pois é de onde tiramos o nosso sustento e mantemo-nos ligadas à ancestralidade; pelo fim do desrespeito religioso e pela garantia da reprodução cultural de nossas práticas ancestrais de matriz africana; pela nossa participação efetiva na vida pública. Imbuídas da nossa força ancestral, da nossa liberdade de pensamento e ação política, levantamo-nos – nas cinco regiões deste país – para construir a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver, para que o direito de vivermos livres de discriminações seja assegurado em todas as etapas de nossas vidas. ESTAMOS EM MARCHA! “UMA SOBE E PUXA A OUTRA!” Este é o

Manifesto da Marcha das Mulheres Negras rumo à Brasília, que acontecerá no dia 18 de novembro.

(Música tocando: Mulheres Negras ao vivo – Izalú)

Enquanto o couro do chicote cortava a carne,  
A dor metabolizada fortificava o caráter;  
A colônia produziu muito mais que cativos,  
Fez heroínas que pra não gerar escravos matavam os filhos;  
Não fomos vencidas pela anulação social,  
Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial;  
O sistema pode até me transformar em empregada,  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada;  
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo,  
As negras duelam pra vencer o machismo,  
O preconceito, o racismo;  
Lutam pra reverter o processo de aniquilação  
Que encarcera afros descendentes em cubículos na prisão;  
Não existe lei Maria da Penha que nos proteja,  
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza;  
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas,  
Fora macacos cotistas;  
Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão,  
Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação;  
Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador

Falharam na missão de me dar complexo de inferior;  
Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu,  
Meu lugar não é nos calvários do Brasil;  
Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro,  
É porque a lei áurea não passa de um texto morto;

Não precisa se esconder segurança,  
Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, minha trança;  
Sei que no seu curso de protetor de dono praia,  
Ensinaram que as negras saem do mercado  
Com produtos em baixo da saia;  
Não quero um pote de manteiga ou um xampu,  
Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru;  
Fazer o meu povo entender que é inadmissível,  
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino;  
Cansei de ver a minha gente nas estatísticas,  
Das mães solteiras, detentas, diaristas.  
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente,  
Não me compra e não me faz mostrar os dentes;  
Mulher negra não se acostume com termo depreciativo,  
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino;  
Nossos traços faciais são como letras de um documento,



Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos;  
Fique de pé pelos que no mar foram jogados,  
Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados.  
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria  
É atrair gringo turista interpretando mulata;  
Podem pagar menos pelos os mesmos serviços,  
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços;  
Menosprezar a nossa contribuição na cultura brasileira,  
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra;

Refrão:

Mulheres negras são como mantas kevlar,  
Preparadas pela vida para suportar;  
O racismo, os tiros, o eurocentrismo,  
Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos.

\*\*\*

## 7. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Arte e responsabilidade*. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. pg. XXXIII.

BARROS, Lenora de. *Programa/Radiovisual*. In: LESCHER, Artur ... (et al.). Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. pg 273-304

CAGE, John. *De segunda a um ano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

GIRARDI, I. E JACOBUS, R. (org). *Para fazer Rádio Comunitária com "C" maiúsculo*. Porto Alegre: Revolução das Ideias, 2009.

GUATARRI, Félix. "Transversalidade", *Revolução Molecular*. In: MATTOS, RIBAS, GUATTARI. *Cavalos*. In: RIBAS, Cristina (org). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014. pg.79-88

HAOULI, Janete. *Radioarte no Brasil*. Guia da música. ([http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id\\_reflexao=3](http://www.guiadamusica.org/conteudo/reflexoes/reflexoes.php?id_reflexao=3)) Acessado em 8/10/2015.

MESQUITA, André. *Escuta*. In: RIBAS, Cristina (org). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014. pg 135-139.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008. <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf> acessado em 24/11/2015

MONTEIRO, Fernando. *Assembleias*. In: RIBAS, Cristina (org). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014. pg. 53-55

NOORTHOORN, Victoria e YÁNEZ, Camilo. *Curadoria Geral 7ª Bienal do Mercosul*. In: LESCHER, Artur ... (et al.). Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. pg.20-26

OBRIST, Hans Ulrich. *Uma conversa com Hans Ulrich Obrist*. In: \_\_\_\_\_. (org) *Arte agora!: em 5 entrevistas / Matthew Barney, Maurizio Cattelan,*

*Olafur Eliasson, Cildo Meireles, Rirkrit Tiravanija / HansUlrich Obrist.* São Paulo: Alameda, 2006.

OLIVEIRA, Samir. *Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou.* <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/> vários acessos

PAULINO, Rosana. *Imagens de sombras.* 2011. 98 f. Tese. (Doutorado em Poéticas Visuais). Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

RIBAS, Cristina. *Desditorial.* In: \_\_\_\_\_. (org) *Vocabulário político para processos estéticos.* Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014. pg 9-22.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.* Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SANTOS, Milton. *Ser negro no Brasil hoje.* Revista eletrônica ANTROPOSMODERNO ([www.antroposmoderno.com/textos](http://www.antroposmoderno.com/textos)). Acessado em 25/09/2015.

VERAS, Eduardo. *Entre ver e enunciar.* 2006. 199 f. Dissertação. (Mestrado em Artes Visuais – ênfase em História, Teoria e Crítica). Departamento de Artes Visuais – Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre, 2006.

#### Sites

<http://www.ustream.tv/channel/radioquilombodosopapo> (acessado em 09-11/11/2015)

<http://quilombodosopapo.blogspot.com.br/> (vários acessos)

<http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1> (vários acessos)

<http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com.br/2012/04/moradores-attingidos-pelas-obras-da.html> (vários acessos)

<http://artsonor.net/> acesso em 11/10/2015

<https://pt.wikipedia.org/wiki/autoestima> acesso em 14/09/2015

#### 8. Bibliografia Complementar

ARDENNE, Paul. *Um arte contextual: creación artística em médio urbano, em situação, de intervenção, de participação.* Cendeac/Ad Literan, Murcia/Espanha: 2002.

BERNARDES, Maria Helena. *Vaga em campo de rejeito*. São Paulo: Escrituras Editora, 2003. (Documento Areal 2)

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

CAMPESATO, LÍlian. *Arte Sonora: Uma metamorfose das Musas*. 2007. 179 f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Música/Musicologia da Escola de Comunicação e Artes de São Paulo/ECA-USP). São Paulo, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FREIRE, Cristina (org). *Hervé Fischer no MAC USP: arte sociológica e conexões: arte-sociedade-arte-vida*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2012.

FREIRE, Cristina e LONGONI, Ana (orgs). *Conceitualismos do Sul / Sur*. São Paulo: Annablume; USP-MAC; AECID, 2009.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2012.

MACHADO, Anaxágora Alves. *Poluição sonora como crime ambiental*. Jus Navigandi. (<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5261>) Acessado em 15/04/2015.

MESQUITA, André. *Arte-ativismo: interferência, coletivismo e transversalidade*. Linguagens 03, junho de 2006 (<http://www.linguagens.art.br>) Acessado em 10/11/2014.

NAESSENO, Ophelie. *Situation d'entretien: de l'interview à l'oeuvre d'art*. Tradução de Léa Ciquier. Texto não publicado.

PAIM, Claudia. *Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*. 2009. Tese. (PPGAV/IA/UFRGS). Porto Alegre, 2009.

REGO, Mauro Sá; RIBEIRO, Adriana G.; ARAÚJO, Pedro de A. *As Artes no Radio e a RadioArte no Brasil*. (<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/8635/7238>) Acessado em 8/10/2015.

ROLNIK, Suely. *Alteridade a céu aberto: O laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg*. In: *Posiblemente hablemos de lo mismo*, catálogo da exposição da obra de Mauricio Dias e Walter Riedweg. Barcelona: MacBa, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2003.

VOGEL, Daisi Irmgard. *Jorge Luis Borges e a Reinvenção poética da entrevista*. 2002. 637 f. Tese. (Doutorado em Literatura). Curso de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

#### Sites

<https://www.anatomimori.wordpress.com/2014/08/30/primos/>

<http://arteseanp.blogspot.com.br/2015/05/radiophrenia-marcelo-armani.html>

<http://www.johncage.org/>

<http://www.mariamulher.org.br>

[http://www.nytimes.com/2014/04/27/arts/design/kara-walker-creates-a-confection-at-the-domino-refinery.html?\\_r=0#](http://www.nytimes.com/2014/04/27/arts/design/kara-walker-creates-a-confection-at-the-domino-refinery.html?_r=0#)

<http://www.rosanapaulino.com.br/>

[http://www.thewire.co.uk/audio/tracks/listen\\_radiophrenia-sounds](http://www.thewire.co.uk/audio/tracks/listen_radiophrenia-sounds)

#### Vídeos

Mau Wal - Encontros Traduzidos <https://vimeo.com/47177383>

Rosana Paulino <https://vimeo.com/111885499>